

Depois de expulsarem os japoneses de uma ilha no Pacífico, as tropas dos Estados Unidos acampam, protegidas, pelos canhões anti-aéreos



EM GUARDA

ANO 3

Para a defesa das Américas

N. 11



Elis Vargas
P. P. P. P. P.

Coordenador de Serviços de Defesa
Escritório Regional em Washington
Cidade de Washington, D.C.

AS FÔRCAS DE LIBERTAÇÃO ATACAM

AS FÔRÇAS BRASILEIRAS NA EUROPA

E A GRANDE SIGNIFICAÇÃO QUE O FATO ENCERRA PARA A HISTÓRIA DA AMÉRICA



O General de Divisão João Batista Mascarenhas de Moraes, comandante do Corpo Expedicionário Brasileiro em operações na Europa, inspeciona as forças aliadas em Nápoles, em companhia do Tenente-General Jacob L. Devers, do Exército dos Estados Unidos e supremo sub-comandante das forças aliadas na área do Mediterrâneo

JA se encontram, lado a lado, com os seus aliados, na zona de combate contra a Alemanha, as tropas do Exército brasileiro — as primeiras forças combatentes de uma nação latino-americana a acampar no solo da Europa.

Teve todas as características de elevada significação histórica o desembarque, em Nápoles, desse primeiro contingente do Corpo Expedicionário Brasileiro. Para recebê-lo, em nome de todos os aliados, estava o Tenente-General Jacobs L. Devers, do Exército americano, sub-comandante supremo do área do Mediterrâneo. A bandeira brasileira desfraldava ao lado da bandeira americana, quando o general saudou o comandante das forças brasileiras, general de divisão João Batista Mascarenhas de Moraes. Ao longo do cais, grande massa popular se comprimia

interessada de ver a chegada das primeiras tropas de América do Sul. As primeiras palavras do General Mascarenhas refletiram o ardente desejo do Brasil de participar em todos os sentidos na causa dos aliados; "Estamos ansiosos de entrar em combate ao lado dos nossos irmãos de armas e lutar contra o nosso inimigo comum."

O primeiro contingente brasileiro a chegar à zona de guerra é um conjunto completo de tropas perfeitamente preparadas para entrar em ação, fato acentuado pelo General Devers, quando afirmou que "podemos contar com o valor dessas tropas."

A chegada das forças brasileiras à Itália foi recebida com extraordinário entusiasmo em todo o Hemisfério Ocidental. O Secretário de Estado Cordell Hull declarou: "E", naturalmente, motivo de grande satisfação

(Continua)

Soldados da infantaria dos Estados Unidos silenciam atiradores de tócia alemães, em Cherburgo

EM GUARDA, revista publicada mensalmente para o BUREAU DO COORDENADOR DE ASSUNTOS INTERAMERICANOS, Commerce Building, Washington, D. C., pela Business Publishers International Corporation. Redação: 330 West 42nd Street, Nova York, Estados Unidos da América. Oficinas: 5401 Chestnut Street, Filadélfia, Estado de Pensilvânia, Estados Unidos da América. Classificada como impresso de segunda classe na repartição Geral dos Correios de Filadélfia, Estado de Pensilvânia, Estados Unidos da América, a 8 de Abril de 1941, de acordo com o que dispõe a lei de 3 de Março de 1879. Ano 3, Número 11.



O Presidente Getúlio Vargas a bordo do transporte de guerra, onde foi levar pessoalmente os seus votos de boa viagem às tropas do Corpo Expedicionário que seguiu para a Europa. Em baixo: o General Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra, a bordo de um dos transportes que conduziram o primeiro contingente das forças brasileiras para a Itália, em companhia do capitão Paul S. Maguire, respectivo comandante, e do General de Brigada Hayes Kroner, adido militar junto à Embaixada dos E.E.U.U. no Brasil



para o povo e para o governo dos Estados Unidos, sabermos da chegada desse valioso conjunto de esplêndidas tropas do Brasil. É ainda mais expressivo ver como está o Brasil, firme e resolutamente, se desempenhando de sua parte, lado a lado dos seus aliados, na batalha europeia."

Não menos expressivo da impressão externada pela imprensa norte-americana, foi um editorial publicado no "New York Times," afirmando que "a camaradagem, nos campos de batalha, entre os soldados dos Estados Unidos do Sul e os dos Estados Unidos do Norte não poder deixar de congregar ainda mais os povos dos nossos dois países."

Noutras nações, a imprensa e os altos representantes do governo não ocultaram seu intenso júbilo pela presença do soldado da América Latina nos campos de batalha da Europa. Focalizando a significação desse fato, o Presidente da Costa Rica, Dr. Teodoro Picado, declarou:

"É de todo justificado o entusiasmo sentido em todo o nosso continente pelo fato de estar o Brasil participando ativamente agora na guerra na Europa. Para nós, é particularmente de grande significação saber que tropas latino-americanas estão na Europa, e não temos senão plena certeza de que os soldados brasileiros refletem os nossos próprios desejos pela liberdade e pela vitória."

Para o Sr. Nelson A. Rockefeller, Coordenador de Assuntos Interamericanos, o desembarque das tropas brasileiras foi "um símbolo dos supremos sacrifícios que os nossos bons vizinhos e amigos já têm feito e estão prontos para fazer afim de derrotar o nosso inimigo comum."

A presença da força expedicionária brasileira na Itália constitui um objetivo de longa data no esforço de guerra do Brasil. No verão de 1943, a General Eurico Gaspar Dutra, Ministro da Guerra, esteve nos Estados Unidos para tratar da organização e do equipamento necessárias às tropas que formariam o avultado corpo de combatentes. E quando regressou ao Rio de Janeiro, em fins de Setembro de mesmo ano, já tinha completado a delimitação dos planos em vista.

Desde princípios do ano passado que numerosos oficiais seleccionados, tanto de estado-major como de todas as armas, começaram a chegar aos Estados Unidos, afim de fazerem cursos especializados nas várias escolas táticas e práticas onde estavam recebendo instrução os oficiais norte-americanos. Durante esses cursos, os oficiais brasileiros foram

(Continúa)

O desembarque das tropas do Exército brasileiro em Nápoles. São as primeiras forças combatentes de uma nação latino-americana a acampar no solo da Europa



As tropas que constituem o Corpo Expedicionário Brasileiro são um perfeito conjunto de aparelhamento militar moderno, pronto para entrar em combate

tendo oportunidade de se familiarizar com os métodos mais modernos da arte da guerra, aperfeiçoados através do verdadeiro contato de veteranos combatentes, nos campos de batalha. O aproveitamento revelado pelos oficiais brasileiros mereceu um lugar de rara distinção em todos os cursos a que se dedicaram.

A preparação entrou em sua última fase, quando, em Dezembro de 1943, o General Mascarenhas, chefiando uma missão militar, chegou ao teatro da guerra, no Mediterrâneo, para uma visita de inspeção geral, na qual foi acompanhado pelo Major-General J. G. Ord, do Exército americano, e um dos membros e presidente da Comissão Mixta Brasileira-Americana de Defesa.

Antes, no mesmo ano, também esteve na África, em missão especial de observação e estudo, o Brigadeiro do Ar Eduardo Gomes, da Força Aérea Brasileira. Por sua vez, o próprio Ministro da Aeronáutica, Dr. Joaquim Pedro Salgado Filho, esteve, também em 1943, nos Estados Unidos, afim de tratar da realização de um vasto programa cooperativo de preparação de pilotos militares.

No começo deste ano, vários grupos de aviadores militares brasileiros já estavam chegando aos Estados Unidos, para ultimar a sua pre-



Soldados brasileiros dirigindo o fogo das peças de artilharia, por meio de um telefone de campanha, durante os constantes e prolongados exercícios

paração para participarem ativamente nas operações de guerra na Europa. Um dos grupos foi chefiado pelo Major Nero Moura e outro pelo Capitão Oswaldo Pamplona Pinto, que afundou o primeiro submarino inimigo em águas da costa do nordeste brasileiro. No dia 12 de Maio, as unidades sob o comando do Major Moura participavam na cerimônia realizada na zona do Canal do Panamá, na qual o Tenente-

General George Brett, chefe do Comando da Defesa do Mar das Antilhas, felicitou os pilotos brasileiros pelo brilhantismo com que tinham completado o seu treinamento.

As tropas que compõem o corpo expedicionário submeteram-se a um longo período de preparação técnica e tática, não somente nos campos de manobras situados no Rio de Janeiro, como nos grandes centros de aperfeiçoamento localizados no nordeste, onde puderam se familiarizar com todos os tipos de armas modernas, desde os pesados tanques até as armas anti-aéreas e outras, portáteis, de grande efeito nesta guerra.

A íntima cooperação militar entre brasileiros e americanos requeria um perfeito conhecimento recíproco dos seus métodos e sistemas adotados em ambos os exércitos. Foi, por isso, organizado com os

melhores resultados, um serviço de informações proveitoso a todos os oficiais que tinham que entrar em ação conjunta no campo de batalha.

O exército que o Brasil envia para as frentes de combate na Europa é, portanto, um conjunto perfeito de aparelhamento militar moderno. Ena tropa se refletem todas as qualidades de coragem, de iniciativa e de disciplina que bem caracterizam a elite que compõe a sua oficialidade.



De saco às costas, estes soldados do Corpo Expedicionário Brasileiro embarcam com destino à Europa, marcando um novo capítulo na história da América



O General Charles de Gaulle visita o Presidente Roosevelt, na Casa Branca, em Washington. Por trás do Presidente está sua filha, Sra. Anna Boettiger

O General De Gaulle

A VISITA AOS ESTADOS UNIDOS DO SÍMBOLO DA FRANÇA LIVRE

Ao som da Marselhesa e do hino nacional dos Estados Unidos, pisou o solo americano, pela primeira vez, no aeródromo de Washington, o General Charles de Gaulle. Aguardando o avião-transporte que o conduzira, já estavam presentes várias autoridades civis e três altas autoridades militares — o General George C. Marshall, o Almirante Ernest J. King e o General Henry H. Arnold, que deram as boas-vindas ao representante francês.

Respondendo às saudações que lhe foram dirigidas, o General de Gaulle, que simboliza as aspirações de milhões de combatentes franceses, assim se expressou:

"O povo francês em péso está hoje se lembrando de vós, americanos, e vos saúda. Valentes jovens americanos, soldados, marinheiros e aviadores, estão se batendo nos campos de batalha de além-mar contra o inimigo comum. Os Estados Unidos e a França deverão continuar a cooperar em todos os sentidos, no futuro, tal como estão cooperando agora a bem da vitória."

Em seguida, o ilustre visitante dirigiu-se à Casa Branca, para visitar o Presidente Roosevelt. Ali, no salão de recepções diplomáticas, já o aguardava o presidente, acompanhado dos membros do seu gabinete. Depois das apresentações, mantiveram-se todos em ligeira palestra

sobre vários assuntos de geral interesse. Das discussões depois procedidas com o Presidente Roosevelt e com outras altas autoridades, resultaram um acordo franco-americano, para os problemas presentes nas áreas francesas libertadas. Até se fazer a seleção de um governo, pelo povo francês, os Estados Unidos estão preparados para cooperar com as autoridades francesas sob a chefia do General de Gaulle, como a autoridade de fato investida para assumir a administração civil nas áreas libertadas da França.

De Washington, o general francês seguiu para Nova York, onde foi recebido, em expressiva cerimônia, pela Municipalidade. Depois, partiu para o Canadá, onde se avistou com o Primeiro-Ministro Mackenzie King, e, finalmente, regressou à Algéria, para as celebrações do dia da tomada da Bastilha.

Ao decorrer essa data, este ano, o Presidente Roosevelt, pelo rádio, dirigiu a seguinte saudação ao povo francês:

"O Dia da Bastilha, este ano, é diferente, porque esperamos que seja o último 14 de Julho que a França passe sob a ocupação alemã. Espero confiantemente que o povo francês, no dia 14 de Julho de 1945, celebre a sua grande festa nacional em solo francês libertado tanto dos invasores como dos títeres do governo de Vichy."

Ao ser recebido pela Municipalidade de Nova York, o General De Gaulle é aclamado pelo povo



AJUDANDO OS ENFERMOS



Enfermeiras auxiliares voluntárias durante uma das aulas, no Hospital Harper, de Detroit, afim de se prepararem para substituir as enfermeiras profissionais, cuja presença se torna cada vez mais urgente no serviço dos hospitais militares. O curso consta de 80 horas de noções práticas, a cargo de especialistas da Cruz Vermelha

A INESTIMÁVEL COOPERAÇÃO DAS ENFERMEIRAS

AUXILIARES VOLUNTÁRIAS NOS EE. UU.

NO desempenho de seus numerosos deveres, num dos hospitais militares dos Estados Unidos, uma enfermeira auxiliar, de gorro azul e branco, característico das suas funções, se aproxima de um jovem soldado que perdera um braço no ataque de Tarawa, e que parecia estar bastante preocupado, inquieto. A enfermeira indagou, com solicitude, a razão daquela ansiedade. O soldado explicou então que, naquele dia, seus pais iam fazer-lhe a primeira visita e que sua maior preocupação era a impressão que teriam quando vissem a sua manga vazia. Iriam ter uma impressão de horror? De profunda lastima? Ou mostrar-se-iam extremamente comiserados da sua sorte? Era um doloroso dilema.

A enfermeira auxiliar procurou animar o jovem veterano, afastando de sua mente aqueles pensamentos sombrios. Mas quando os pais chegaram ao hospital, ela já os aguardava para informá-los dos receios do filho e, ao mesmo tempo, solicitar-lhes toda calma e compreensão em face da situação. E, mais tarde, quando ouviu pais e filho conversando, animadamente, com a maior naturalidade, e enfermeira pôde então se certificar de que havia evitado mais uma crise na vida de um combatente que ia voltar, mutilado, à atividades da vida civil.

Essa enfermeira, que assim ajudava um soldado e a sua família, era semanas antes apenas uma dona de casa, familiarizada unicamente com os afazeres domésticos, e que raramente tinha estado num hospital. Mas, como tantas outras mulheres americanas, estava ansiosa de contribuir com o seu trabalho nos hospitais onde se faz sentir a carência de enfermeiras.

Solvendo uma crise

Depois do ataque de Pearl Harbor, quando se tornou aparente que iria haver uma crise de enfermeiras diplomadas, o Escritório da Defesa Civil, de conjunção com a Cruz Vermelha, iniciou uma campanha para a formação de um corpo de enfermeiras auxiliares. Foi feito então um apelo a todas as mulheres que pudessem dispôr de algumas horas vagas para ajudar nos trabalhos de enfermagem. O crescente desenvolvimento das operações militares exigia numerosas enfermeiras nos hospitais de sangue, nas frentes de além-mar, sobrecarregando assim a tarefa das que permaneciam nos hospitais do país. O objetivo da criação do núcleo de enfermeiras auxiliares era, pois, diminuir o mais possível os encargos extraordinários que pesavam sobre as enfermeiras profissionais.

Sob a orientação e a jurisdição da Cruz Vermelha foram estabelecidos os cursos preparatórios, que consistem de 80 horas de aprendizagem. Candidatas, de 18 a 50 anos de idade, começaram a afluir, procedentes de todas as profissões e de todas as camadas sociais. Enfermeiras diplomadas estão a cargo do curso, tanto do período de 35 horas de noções de enfermagem, como do tempo de prática elementar nas enfermarias. Findo o estágio, as candidatas passam a servir no Corpo de Enfermeiras Auxiliares da Cruz Vermelha.

Muitos médicos, a princípio, hesitaram em aceitar os serviços dessas auxiliares de "pouca prática". Mas, com a carência de enfermeiras diplomadas, os hospitais foram, pouco a pouco, reconhecendo a necessidade de solver o problema com a cooperação das auxiliares. Agora, elas estão assumindo seus postos nos hospitais, nas clínicas, nos numerosos centros de saúde e onde quer que seus serviços sejam necessários, aliviando o trabalho das enfermeiras diplomadas. Estas podem, atualmente, atender a misteres especializados que, antes exigiam a presença de seis enfermeiras. As auxiliares se encarregam de numerosos detalhes de enfermagem, um dos quais, de não menor importância, é a assistência espiritual aos enfermos. Por mais solícitas que sejam as enfermeiras diplomadas, falta-lhes o tempo para o cumprimento desse dever no qual elas sempre se esmeram.

Conquanto as auxiliares devam prestar um mínimo de 150 horas de serviço, anualmente, são numerosas as que excedem essa quota. Muitas senhoras latino-americanas, ora nos Estados Unidos, estão servindo como enfermeiras auxiliares.



Uma enfermeira auxiliar, no Hospital Georgetown, em Washington, atende aos seus afazeres, os quais, em geral, consistem de ligeiros trabalhos de enfermagem, algumas horas por dia



A Srta. Nina Lopez (à direita), secretária do Embaixador da Guatemala nos EE.UU., e a Sra. Anne Fontville, servindo como enfermeiras auxiliares voluntárias no Hospital Garfield

O RENASCIMENTO DE ROMA

A CIDADE ETERNA CONTEMPLA UM FUTURO CONDIGNO DA SUA GLÓRIA

O autor do seguinte artigo, Ralph Howard, correspondente de guerra da National Broadcasting Company, acompanhou o Quinto Exército dos Estados Unidos na sua entrada em Roma.

COM a entrada, na Cidade Eterna, do exército aliado da libertação, extinguiu-se a tirania fascista que pairava, como uma nuvem negra, sobre Roma. E logo que os últimos remanescentes dos exércitos alemães, em precipitada retirada, se afastaram para o norte, o povo afluíu às ruas nas quais, poucos dias antes, todos tinham medo de andar. O Papa ajoelhou-se em prece, agradecendo à Providência por ter salvo a capital da cristandade.

Pouco depois de entrarem os aliados em Roma, teve execução o detalhado plano de governo que já tinha sido formulado e aprovado em Washington, em Londres, na Argélia e em Nápoles. Ficou imediatamente organizado um governo militar para tratar da administração da cidade até que pudesse a mesma ficar a cargo de autoridades italianas. Os problemas de solução mais urgentes eram os que diziam respeito à segurança e ao bem-estar da população. Mesmo antes de ter sido lançada a ofensiva final contra os alemães em Roma, oficiais aliados, em Nápoles, tinham planejado a escolha de funcionários públicos e da polícia para ajudar na administração da capital. Foram, por isso, verificados e estudados os antecedentes dos elementos da polícia, os carabinieri, e, do seu efetivo, 3.000 homens foram selecionados para serem submetidos a uma preparação especial. No dia 5 de Junho, entraram eles em Roma, juntamente com o Quinto Exército dos Estados Unidos, para servir nas várias estações policiais da cidade.

Uma cidade isolada

Chegou, depois, a vez do problema de alimentar a população de Roma. Já experimentados, os aliados sabiam que os nazistas teriam despojado a cidade de todos os seus recursos de comestíveis, antes de se retirarem. Ao mesmo tempo, os aliados tinham tido a necessidade tática de cortar todas as vias de comunicações com a cidade, aéreas, ferroviárias e rodoviárias, resultando daí uma escassez nos abastecimentos da população. A única solução foi suprir a cidade, o que os aliados fizeram, servindo-se de Anzio como base de aprovisionamento. E em tempo relativamente curto, Roma recebeu farinha de trigo e alimentos desidratados em quantidade bastante para abastecer dois milhões de pessoas.

O Vaticano também tem cooperado bastante com os aliados na obra de reabilitação de Roma. Sob a direção de vários de seus funcionários foram organizados centros de distribuição de alimentos e, em várias ocasiões, o Vaticano forneceu gêneros dos seus próprios estoques, para aliviar a situação. E o espírito que animou essa cooperação foi, igualmente, um valioso conforto. No dia 6 de Junho, por exemplo, quando Roma ainda estava com suas ruas repletas de povo, em contínuas demonstrações de regosijo pela sua libertação, o Papa Pio XII recebeu tresentos soldados aliados, combatentes cobertos de pó das estradas por onde tinham feito sua longa marcha. Reunidos em círculo, no salão de recepção, soldados americanos, ingleses e franceses foram bondosamente acolhidos por Sua Santidade, que se aproximou de cada um deles, dirigindo-lhes palavras confortadoras e abençoando a todos. Mais tarde, no mesmo dia, o Papa, de uma das sacadas do Vaticano, abençoou três mil soldados aliados reunidos na Praça de São Pedro, antes de prosseguirem a marcha.

Ao mesmo tempo que os aliados apressavam o abastecimento de alimentos e de roupas à cidade, várias turmas de eletricitistas trabalhavam na restauração do serviço de luz e de telefones. O consumo de energia elétrica teve que ser racionado, por



A descarga de farinha de trigo, numa padaria de Roma, é razão de júbilo para o povo, depois da ansiosa libertação da Cidade Eterna pelas tropas dos aliados

causa da escassez de combustível e porque as forças aliadas tinham de atender às suas próprias necessidades militares. Em pouco tempo, porém, Roma voltou à normalidade e, agora, seus tribunais estão funcionando regularmente, os bancos estão operando, depois de um feriado de uma semana, e as repartições públicas voltaram às suas tarefas normais.

Especialistas bancários americanos, depois de terem dado um cuidadoso balanço nos bancos locais, verificaram que os alemães tinham se apoderado de dois bilhões e meio de liras, ouro, e depois da capitulação italiana, impuseram e arrecadaram uma indenização mensal de sete bilhões e meio de liras, tributo que foi aumentado para dez bilhões, em princípios de 1944. Além disso, o governo italiano foi obrigado a pagar as despesas de manutenção das forças alemãs na Itália.

Um dos primeiros atos do governo militar dos aliados foi derrogar o decreto que proibia ouvir os programas de rádio do exterior, medida que tinha sido imposta, primeiramente, pelo governo fascista e, depois, pelos alemães. Uma semana depois, o rádio alemão informava que o povo de Roma andava de luto, nas ruas, em sinal de pesar pela presença das tropas aliadas. E aconselhava os romanos a terem paciência até que os alemães regressassem a Roma, o que, segundo a transmissão, se daria dentro de alguns dias, para libertá-los dos aliados. Anunciava também que as mulheres de Roma atiravam, das janelas, água fervendo sobre os soldados aliados. "Bôa notícia," disse um italiano ao ouvir o rádio. "Quer dizer que já há água na cidade."

Roma reanima-se

A população de Roma cresceu enormemente. Cerca de 300.000 pessoas procuraram refúgio na cidade, desde que os aliados invadiram a Sicília. Da região entre Roma e Cassino, quasi todos os seus habitantes fugiram, para não ficarem entre os exércitos beligerantes. Mas Roma passou a ser o refúgio de italianos vindos de todos os pontos do país. Grande número de homens refugiados, fisicamente capazes, procurou escapar aos nazistas, que queriam recrutá-los para o trabalho forçado. Durante sua ocupação das cidades italianas, os alemães causaram toda sorte de danos materiais, mas estes foram incomparáveis com o desmembramento de numerosas famílias, cujos filhos foram obrigados a trabalhar sob as mais humilhantes condições e os pais foram expostos a todas as necessidades.

Ao sul de Roma está sendo construído um grande acampamento para alojar os refugiados, com todo o conforto possível, até que as estradas estejam mais livres da movimentação de tropas, para proceder-se então ao regresso de todos aos seus lares.

O chefe do governo militar aliado de Roma é o Coronel Charles S. Poletti, do Exército dos Estados Unidos, e ex-governador do Estado de Nova York. E', pois, familiarizado com matéria de administração pública. Seu primeiro ato foi afastar dos cargos públicos os funcionários de idéias fascistas, ou aqueles que colaboraram com os alemães. O coronel Poletti solicitou ao Comitê de Libertação Nacional Italiana, no qual estão representados os seis partidos políticos da Itália, que indicasse uma junta de doze membros, para fazer a investigação de cada caso, separadamente, para decisão final.

Roma está se refazendo dos estragos da guerra e ressurgindo, das misérias do nefando fascismo. E' um trabalho de fôlego, uma obra que requer a colaboração de todos os verdadeiros patriotas. Nessa tarefa de reconstrução, os italianos contam com o concurso dos aliados. Segundo Mateoti, o grande socialista italiano assassinado pelos fascistas, "os italianos verificaram que a liberdade é como o ar que se respira: só quando, extingue é que se sente a sua falta." Roma é um exemplo.



O coronel Charles S. Poletti (à esquerda) do Exército dos Estados Unidos, é o Comissário de Roma, do governo militar dos aliados. Com ele estão seus assistentes, capitão M. F. Neufield e major W. Dollard



Orando junto a uma cruz que marca o local onde foram enterrados mais de tresentos italianos criminosamente executados pelos nazistas



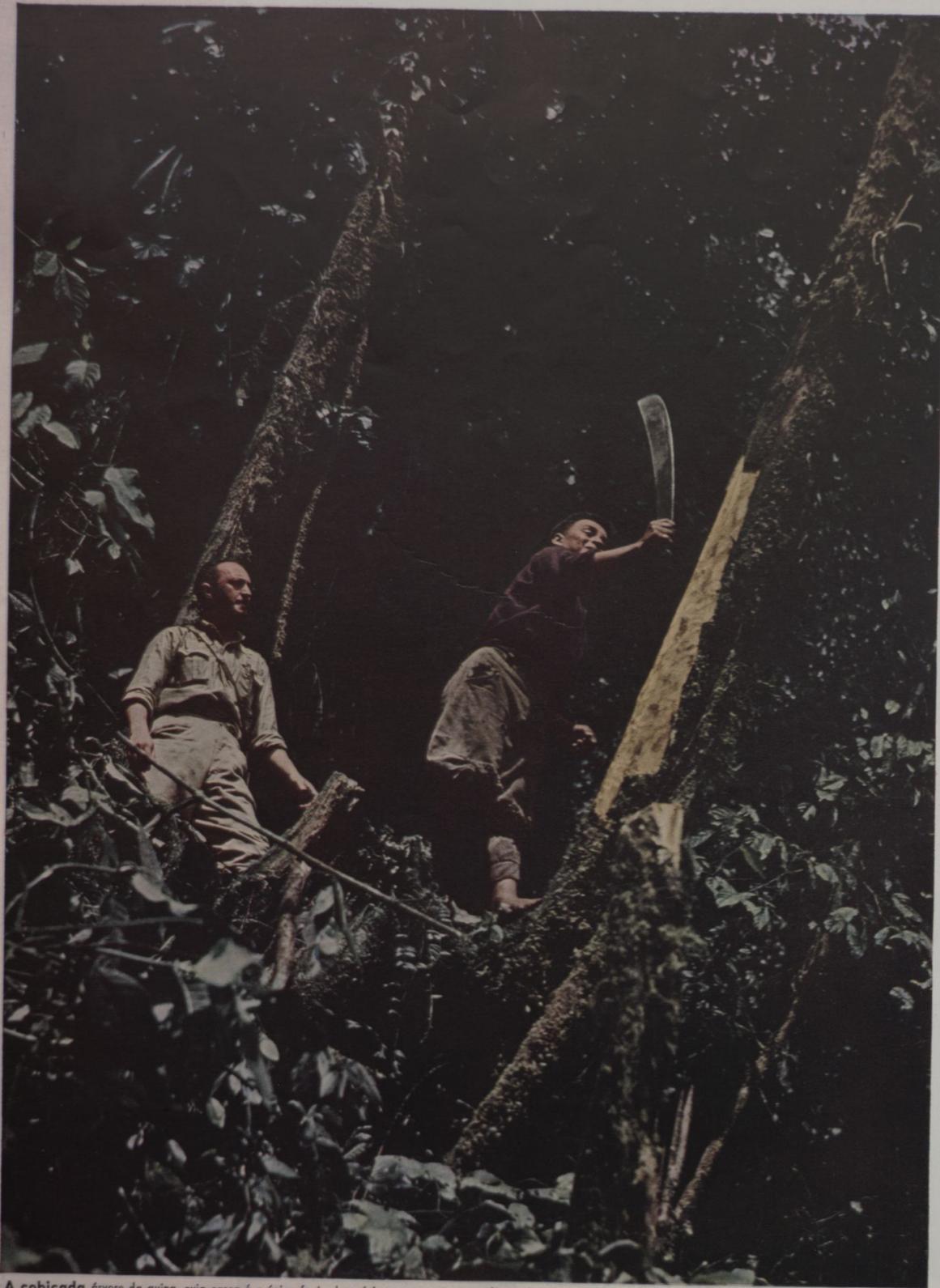
Uma mulher italiana alimentando seu filho, em Roma, durante a aglomeração de refugiados, procedentes de outros pontos do país



De uma das sacadas do Palácio do Vaticano, Sua Santidade o Papa Pio XII abençoa a multidão que se reuniu na Praça de São Pedro, depois da libertação

Um aspecto da multidão, quando falava o Papa Pio XII. Presentes também se vêem numerosos soldados norte-americanos, como êsses com a bandeira italiana





A cobiçada árvore da quina, cuja casca é a única fonte da quinina, se encontra em alguns dos pontos mais inacessíveis nas matas virgens da América Central e do Sul. Separar a casca da árvore é uma operação simples; a maior dificuldade tem sido o transporte da casca seca, por caminhos invios, com destino aos portos de mar



Depois de retirada a casca da árvore de quina, é levada para os centros de pesagem e de empacotamento, sendo antes posta em filas, para secar

A QUINA, OUTRA ARMA PARA COMBATER O EIXO

LONGE dos mortíferos campos de batalha da Europa e do Pacífico, está se travando uma outra campanha, não para ceivar vidas, mas para salvá-las dos efeitos da tradicionalmente temível febre dos trópicos — a malária. Turmas de numerosos trabalhadores, nas matas situadas em pontos quasi inacessíveis da América Central e do Sul, estão prosseguindo num esforço ingente contra a natureza, arriscando-se a doenças e a acidentes de toda sorte, para retirar dos esconderijos da densa selva a preciosa casca de cinchona, fonte da quinina.

Dos recônditos do seu *habitat*, a árvore da quina tornou-se um dos maiores elementos na guerra contra as potências do Eixo, por isso que representa o tratamento mais seguro da malária que ataca traiçoeiramente os denodados combatentes das Nações Unidas, nas zonas infestadas pelo mal, em várias partes do mundo.

Em busca da quina

Quando o Japão investiu contra Pearl Harbor e foi, depois, avançando e conquistando os territórios do Extremo Oriente, que eram então os maiores produtores da cinchona, as Nações Unidas viram-se cada vez mais desprovidas da quinina, de que necessitavam com tanta urgência. Era um problema de inestimável importância e que urgia pronta solução. Não tardou, porém, que dos próprios domínios do Hemisfério Ocidental viesse o recurso indispensável de que careciam as Nações Unidas. Pela sua situação geográfica, as nações da América Central e do Sul encerram também, no manancial de suas riquezas naturais, a planta cobiçada. Conquanto fossem das maiores as dificuldades a enfrentar no trabalho de obter uma produção à altura das necessidades do urgente consumo, a suprema força de vontade daqueles que tomaram a si o encargo de conseguir o produto, não viu óbices à sua tarefa. E é assim que, agora, a cinchona está vindo, em crescentes quantidades, das altaneiras e espessas regiões situadas na cordilheira andina. Uma visita a El Playon, um dos maiores centros produtores de cinchona, na América do Sul, dá-nos uma idéia do que representa o esforço e

a tenacidade para conseguir a poderosa casca anti-febril. Situada na parte oriental da cordilheira dos Andes, na progressiva cidade de Bucaramanga, Colômbia, esse centro é um exemplo da árdua tarefa que, com pequenas variantes, também estão realizando outras Repúblicas Americanas, para aumentar consideravelmente os estoques do produto.

De ambos os lados de El Playon estendem-se as montanhas a perder de vista, na área das florestas que ocupam mais de 700.000 acres de extensão. Aí estão os pátios batidos pelo sol e os barracões de pesagem e de embalagem, encimados pelos altaneiros Andes, cujo acesso, nos locais mais necessários, só pode ser feito a pé ou em lombo de burro. E' a esses pontos extremos que os homens se dirigem, seguindo uma trilha arriscadíssima, beirando profundos precipícios, num interminável ziguezague. Depois de duas horas de percurso, observam as palhoças de bambú dos trabalhadores, e já sabem que é por ali perto que se encontra a árvore da quina. Algumas das árvores já estão cortadas e estão

sendo separadas da casca, quando chega o grupo encarregado de fazer o transporte. A casca é cortada em pedaços de oito polegadas de comprimento e de três ou quatro polegadas de largura, para facilitar a sua condução. Postas em sacos, éstes são amarrados às cangalhas dos muarres, para a viagem de volta.

No centro de seleção e empacotamento, as cascas são pesadas e, depois de convenientemente acondicionadas para uma longa viagem, seguem, em auto-caminhões, para Bucaramanga, onde são postas a secar. Finda essa operação, a cinchona é novamente empacotada e transportada, por via férrea, pelo magestoso vale do rio Magdalena, com destino a Puerto Wilches, onde chega no mesmo dia. Dêsse porto, a preciosa carga segue em chatas fluviais, pelas águas rasas do Magdalena até Barranquilla, o porto colombiano na costa do Mar das Antilhas, onde é, finalmente, embarcada, por via marítima, para o seu destino.

Vencendo a natureza

Antes de chegar a essa última etapa, há, entretanto, uma série de trabalhos levados a efeito sob as condições mais adversas por todos quantos participam nessa "batalha da quinina". Além dos riscos naturais enfrentados na penetração da mata virgem, há as doenças, dentre as quais, a própria malária é das mais comuns. Para manter a comunicação entre as turmas, é preciso recorrer ao aeroplano, que se encarrega do transporte de viveres e de ferramentas, lançados em para-quédas nos pontos designados.

A jornada tem que ser feita por terreno difícil, havendo frequente necessidade de vadear cursos d'água, de abrir picada em mato cerrado e de explorar certas zonas de perigoso acesso.

Não obstante, em todos os países onde se encontra a árvore da quina, vão se vencendo as dificuldades, afim de prover os aliados com o indispensável produto medicinal. Por sua vez, a cultura racional da quina está se procedendo regularmente, com a cooperação do Departamento de Agricultura dos EE.UU., quanto à distribuição de sementes entre numerosas estações experimentais.



Como medida de precaução, os combatentes nas regiões tropicais tomam uma dose de quinina por dia

OS BATEDORES DE MERRILL

A AGUERRIDA COLUNA DE SOLDADOS AMERICANOS QUE CONSTITUEM AS PRIMEIRAS FÔRÇAS DE TERRA DOS ESTADOS UNIDOS A COMBATER NO CONTINENTE ASIÁTICO, NUMA DAS REGIÕES MAIS REMOTAS DO MUNDO, INFESTADA DE MALÁRIA E DE JAPONESES



FOI com um sorriso irônico que os combatentes dos Estados Unidos, na Nova Guiné e nas ilhas de Salomão, receberam a notícia de que havia necessidade de se apresentarem voluntariamente, para uma "perigosa missão". Já estavam tão experimentados nos combates contra os japoneses, em algumas das matas mais densas do mundo, que para eles, de certo, não poderia haver nada mais arriscado.

Contudo, os que se apresentaram foram designados para servir, formando um destacamento, às ordens do general de brigada Frank T. Merrill, no setor da Birmânia. Foram logo conhecidos por "batedores de Merrill", por serem os primeiros combatentes norte-americanos, das forças de terra, a enfrentar os japoneses no continente asiático. O destacamento ia ajudar as tropas chinesas, sob o comando do tenente-general Joseph Stillwell, a expulsar o inimigo ao norte da Birmânia.

Não tardou em se saber da razão da escolha de combatentes já experimentados nos campos de batalha da Nova Guiné e das ilhas de Salomão, assim como nos campos de treinamento das bases ao longo do Mar das Antilhas. Tratava-se de uma missão que requeria verdadeiros especialistas. As tropas foram enviadas para a base de Ledo, no extremo norte da Índia, de onde deveriam penetrar na retaguarda das linhas japonesas, na Birmânia. Depois de uma marcha de mais de 200 quilômetros, pela recém-construída estrada de Ledo, prosseguiram, em fila singela, por uma região de mata densa, sem estradas nem caminhos, infestada de impudulismo, onde qualquer abastecimento só poderia ser enviado por via aérea.

Foi uma jornada difícil através de terreno acidentado, de montanhas e perigosos cursos d'água. Sendo, relativamente, uma pequena força, os voluntários tinham que evitar maiores encontros com as patrulhas avançadas do inimigo. Durante as quatro semanas da marcha, não se

passou um dia em que não ficasse morto, no percurso, um japonês, ou que não houvessem soldados americanos feridos, a serem enviados para os hospitais de sangue. Um exemplo das dificuldades enfrentadas foi a travessia de um rio, em cuja margem se sabia que os japoneses estavam de tocaia. O pelotão do primeiro-tenente Logan E. Weston foi escalado para atravessar o rio e estabelecer uma posição de metralhadora, na ribanceira por onde passariam os restantes batedores. Assim foi feito, apesar das dificuldades. Ao anoitecer, já tinham preparado suas trincheiras e passaram a noite no local designado. Pela manhã, o soldado Peter Leitner, afastando-se um pouco, em busca de ramos de árvores para camuflar a sua trincheira, foi surpreendido pelo fogo das metralhadoras japonesas, ficando gravemente ferido. Seus companheiros o socorreram e prepararam-se para o ataque.

O primeiro choque

Pouco depois, o sargento John Gateley dava o alarme da presença de cinco japoneses à direita, ao mesmo tempo que matava um dos assaltantes, enquanto seu companheiro, o soldado Harold Hudson, matava os quatro restantes. A investida principal dos japoneses, entretanto, era contra o centro da linha de defesa do pelotão. O inimigo se aproximava de gatinhas, camuflado com galhos e folhagens. O sargento William L. Grimes, um veterano de Guadalcanal, matou então o seu vigésimo-quinto japonês, com um tiro de fuzil. O sargento Raymond F. Harris, que já tinha se distinguido na campanha da Nova Guiné, enfrentou, com uma metralhadora, o resto dos atacantes. Uma bala inimiga raspolhe o capacete.

Enquanto se desenrolava essa pequena batalha, o grosso das tropas compostas de batedores surgiu na outra ribanceira do rio. Através do seu aparelho portátil de rádio, o tenente Weston informou da posição do inimigo e pediu o apoio

de morteiros, o que não se fez demorar, sendo as posições inimigas atingidas certamente. Já a esse tempo, a coluna principal dos batedores tinha feito a sua travessia e o pelotão do tenente Weston começou a retirada, protegido pelo fogo dos morteiros, indo depois se reunir à coluna.

Durante esses recontros, os batedores norte-americanos mataram 2.000 japoneses, antes de chegarem ao ponto onde deviam atacar. E já barbados e cansados da longa marcha, durante a qual fizeram um longo trecho desprovidos das rações que costumavam chegar de avião, os heróicos batedores prepararam-se para o seu primeiro grande ataque. Tropas chinesas, juntamente com outros voluntários norte-americanos, já tinham atravessado o rio Salween, penetrando a mesma área. E com os batedores do general Merrill, atacaram a base de Myitkyina, um dos centros do poder ofensivo dos japoneses, durante dois anos consecutivos.

Nesse ataque se tratava mais do que capturar a base. O comando geral das tropas japonesas, ao norte da Birmânia, e suas linhas de abastecimentos para o ataque contra a Índia, dependiam da base de Myitkyina, assim como das outras bases, de Kamaing e de Mogaung. Demais, o plano da ofensiva dos aliados, em 1945, para a recaptura da Tailândia e da Indo-China, dependem, em parte, de alcançar um firme ponto de apoio no estreito trecho da Birmânia que se estende para o norte, entre a China e a Índia. E as operações de guerra teriam de ser realizadas antes do começo do monção, a temporada das formidáveis chuvas da região.

Os batedores e seus aliados chineses, apoiados por bombardeiros de longo raio de ação, capturaram rapidamente o principal aeródromo perto da base de Myitkyina e, depois de tremenda luta nas ruas, tomaram as estações ferroviárias. Foram capturados também vários pontos da linha de abastecimentos dos japoneses, impedindo-os completamente de mandar mais recursos.

O tratamento de doentes e de feridos num dos postos de emergência, nas matas da Birmânia. As doenças da região constituem um dos maiores perigos para os heróicos combatentes

Um dos soldados aliados mortos durante o renhido combate para a captura do estratégico aeródromo de Myitkyina

Batedores do Exército dos E.E.U.U., sob o comando do General Merrill. Apresentaram-se voluntariamente para combater os japoneses e enfrentar todos os riscos na Birmânia

Os naturais da Birmânia frequentemente auxiliam as tropas americanas, inglesas e chinesas. Os soldados da coluna Merrill nunca se esquecem de levar espelhos, joias de imitação e outras quinquilharias para apresentar seus prestimosos assistentes na região

Na sua longa marcha por caminhos invios, os famosos batedores da coluna do general Merrill receberam abastecimentos por meio de planadores



O General de Brigada Frank D. Merrill, comandante da famosa coluna de batedores, quando recebia a Legião do Mérito das mãos do Ten.-Gen. J. W. Stillwell, comandante das forças na China



ELEIÇÕES EM TEMPO DE GUERRA

PELA segunda vez, na história de sua pátria, os cidadãos dos Estados Unidos participam, este ano, numa eleição presidencial em tempo de guerra. Desde que os dois partidos principais, o Republicano e o Democrata, começaram a designar seus respectivos candidatos aos dois mais altos cargos da república, o de presidente e o de vice-presidente, o eleitorado tem estudado os assuntos em debate, tomando em consideração a personalidade dos candidatos. Assim como aconteceu durante a primeira eleição em tempo de guerra, em 1864, quando Abraham Lincoln foi reeleito presidente, por ocasião da Guerra da Secessão, os eleitores acompanham agora, cuidadosamente, a marcha da campanha eleitoral, ao mesmo tempo que seguem, com extraordinário interesse, a ação dos combatentes nas frentes de batalha. E no dia da eleição, a 7 de Novembro próximo, o eleitorado fará a sua escolha do presidente e do vice-presidente da República para o quadriênio seguinte.

A breve, mas importantíssima campanha política teve início no verão passado, quando se realizaram, em Chicago, as duas reuniões mágnas, as convenções reunidas com uma diferença de três semanas uma da outra.

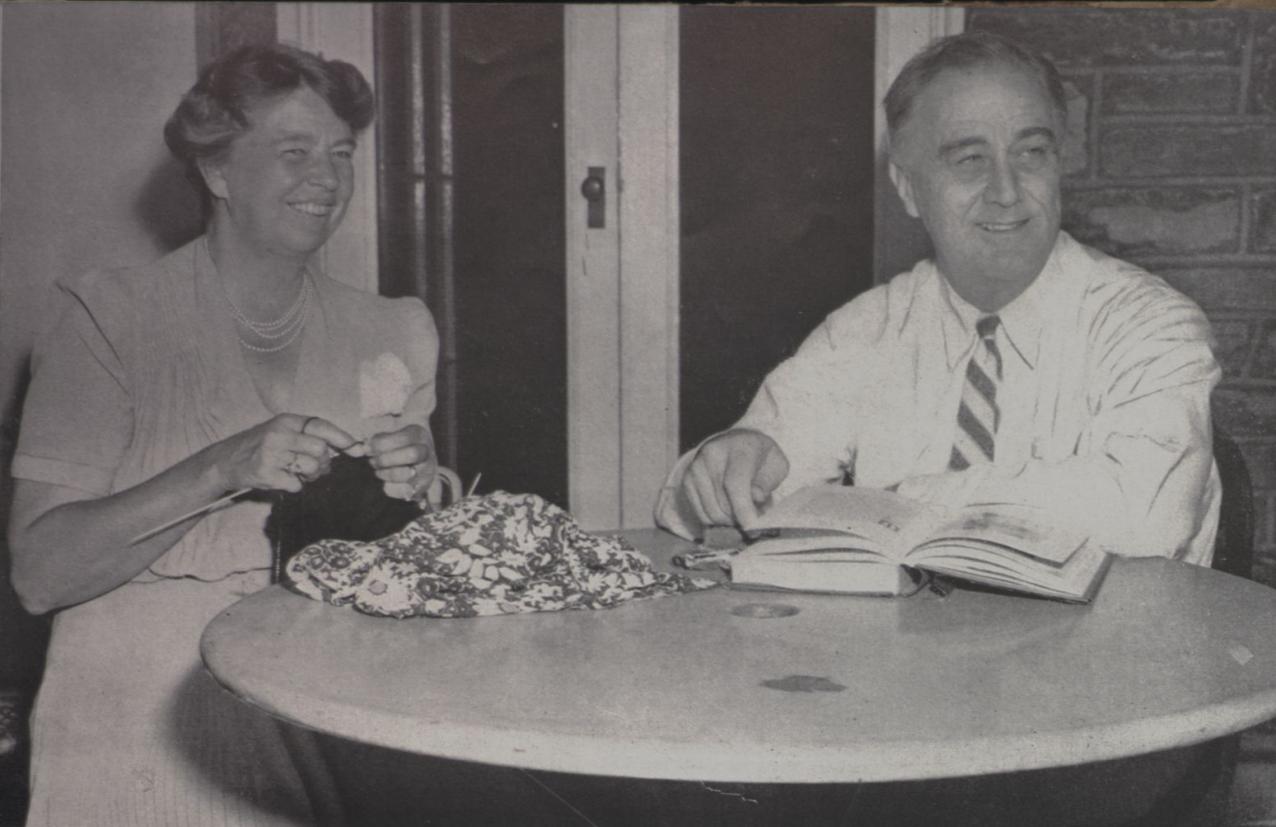
De trem, de auto-ônibus e de avião foram chegando à cidade os convençionais — governadores de Estados, congressistas, representantes das profissões liberais, homens de negócios, agricultores, operários, e homens e mulheres de quasi todas as atividades.

Um dos grupos era composto de membros do Partido Republicano; os outros eram membros do Partido Democrata. Uns e outros, tinham sido devidamente selecionados para se desempenharem desse dever, nas eleições primárias e nas convenções locais realizadas nos 48 Estados da União, no território do Alaska e nas possessões dos Estados Unidos.

Para ambos os partidos, ganhar a guerra e estabelecer uma paz justa era condição essencial. Mas era também importante e necessário que, a despeito de estar em meio da guerra mais calamitosa na história da humanidade, a nação precisava continuar no seu processo democrático, através da reunião, de quatro em quatro anos, de seus cidadãos para selecionarem e apresentarem os candidatos na eleição presidencial, que se realiza em Novembro. E isso também era uma das mais respeitadas tradições que os Estados Unidos estavam lutando para preservar: o direito dos seus cidadãos de elegerem o chefe do seu governo.

Os delegados à convenção do Partido Republicano, logo no primeiro escrutínio, escolheram Thomas E. Dewey, de 42 anos, governador do Estado de Nova York, como candidato do partido à presidência da República, e selecionaram John W. Bricker, Governador do Estado de Ohio, e proemi-

(Continúa)



O Presidente Franklin D. Roosevelt, que aqui vemos com sua esposa, é o candidato do Partido Democrata à reeleição para o quarto quadriênio. Conquanto expressasse seu desejo de se retirar à vida privada, declarou que não tinha o direito de fazê-lo, "se o povo o ordenasse a continuar na presidência e na guerra

nente membro do partido, para ser seu candidato a vice-presidência. Também no primeiro escrutínio, os Democratas escolheram Franklin D. Roosevelt, de 62 anos, para ser seu candidato na reeleição para o quarto quadriênio na presidência da República. E para a vice-presidência, escolheram o senador pelo Estado de Missouri, Harry S. Truman.

Desde os primeiros passos preliminares do seu apelo ao eleitorado, republicanos e democratas acenturaram claramente que não estava em foco a direção militar da guerra. Mas houve outras diferenças de opinião, honestas e legítimas, entre os líderes de ambos os partidos — especialmente sobre a política interna.

No discurso de aceitação da candidatura republicana, o Governador Dewey elogiou o "soberbo trabalho" da liderança militar dos Estados Uni-

O candidato do Partido Democrata à vice-presidência dos E.E.U.U., o Senador pelo Estado de Missouri, Harry S. Truman, em companhia de sua esposa e de sua filha, Miss Mary Margaret



dos e afirmou que a política propriamente militar da nação estava completamente divorciada da companhia política que se avizinhava.

Dewey, que exercia antes o cargo de procurador criminal da cidade de Nova York, é natural de Owosso, Estado de Michigan, e foi eleito, há dois anos, governador do Estado de Nova York, para um período de quatro anos. Esse Estado é o mais populoso da União. Ao assumir o cargo, declarou que tencionava completar o seu quadriênio. Mas ao aceitar a sua candidatura à presidência, afirmou:

"Todos bem sabem que não procurei essa responsabilidade. Há dois anos afirmei ao povo do meu Estado ser minha intenção devotar todo o período para o qual fui eleito, aos serviços da minha administração. Vós, entretanto, decidistes doutra forma. De acordo com os princípios da nossa forma republicana de governo, designastes-me para o cumprimento do mais elevado dever que um cidadão americano pode desempenhar. Ninguém tem o direito de se recusar a essa honra. Com a ajuda de Deus farei todo o possível para corresponder à confiança em mim depositada."

Poucas semanas antes de se realizar a convenção, o Governador Dewey tinha recebido a visita de 19 delegados de 12 das outras nações americanas, que tomaram parte na primeira conferência das Comissões do Fomento Interamericano, em Nova York. O bem estar comum de todas as Repúblicas Americanas, declarou o Governador Dewey aos delegados, exige "que nos conheçamos melhor do que temos nos conhecido no passado."

Em seu discurso de aceitação da candidatura, Dewey declarou que dedicaria sua campanha a um objetivo acima de todos os demais — "O de que sua pátria, com a graça de Deus, pudesse continuar, no futuro, uma nação livre, de homens livres." E acentuou que "há apenas alguns, muito poucos, que acreditam que os Estados Unidos devem ficar alheios do resto do mundo."

"A Alemanha", continuou o candidato, "não deve, nunca mais, alimentar a ilusão de que podia vencer. Precisamos também impôr ao Japão uma derrota tão completa que, os que restarem, dentre os japoneses, fiquem absolutamente convencidos de que foram derrotados. Não temos que derrotar apenas os exércitos e as armadas dos nossos inimigos. Precisamos extinguir nêles, de uma vez, qualquer intenção de fazer a guerra. Tanto em sua mente como em seus lábios, devem aprender a dizer — "Nunca mais!"

"A direção militar da guerra está fóra desta campanha. Está e deve continuar fóra da política."

O Governador Dewey também foi candidato à escolha do seu partido



O Governador Thomas E. Dewey, de Nova York, e sua esposa. O candidato republicano na primeira eleição presidencial em tempo de guerra, desde 1864, declarou que o partido "o tinha designado para o cumprimento do mais elevado dever que um cidadão americano pode desempenhar e que ninguém tem o direito de se recusar"

para a candidatura presidencial, há quatro anos, mas foi derrotado, na convenção, por outro candidato, Wendell Wilkie, que, por sua vez, foi derrotado nas respectivas eleições, pelo Presidente Roosevelt.

Antes de se reunir a convenção do Partido Democrata, Franklin Roosevelt, em resposta a uma pergunta feita pelo seu partido, declarou que desejava se retirar da vida pública e ir para sua casa, em Hyde Park, à margem do rio Hudson, no Estado de Nova York.

"Mas," continuou, "se o povo me ordenar que continue no cargo e na guerra, tenho tão pouco direito de me afastar como teria um soldado de abandonar o seu posto na linha de batalha."

Quando foi escolhido, na convenção, para candidatar-se ao quarto quadriênio, o presidente estava numa base naval na costa do Pacífico, de onde proferiu um discurso, pelo rádio, aceitando a indicação. Assim falou S. Excia., em parte:

"O povo americano agora já sabe que todas as nações do mundo, grandes e pequenas, terão que tomar parte na necessária manutenção da paz pela força, e na solução pacífica das disputas que conduzem à guerra."

"Todos sabemos como o mundo se tornou um todo único, e que se a Alemanha e o Japão, por exemplo, pudessem sair desta guerra com as suas ideologias firmadas e seus exércitos intáctos, nossos netos, sem dúvida, teriam que lutar por sua vida e pela sua liberdade."

"Para nossa própria garantia e para o nosso próprio bem-estar econômico, se por essas razões apenas, devemos, portando, tomar parte preponderante na manutenção da paz e no desenvolvimento comercial do mundo."

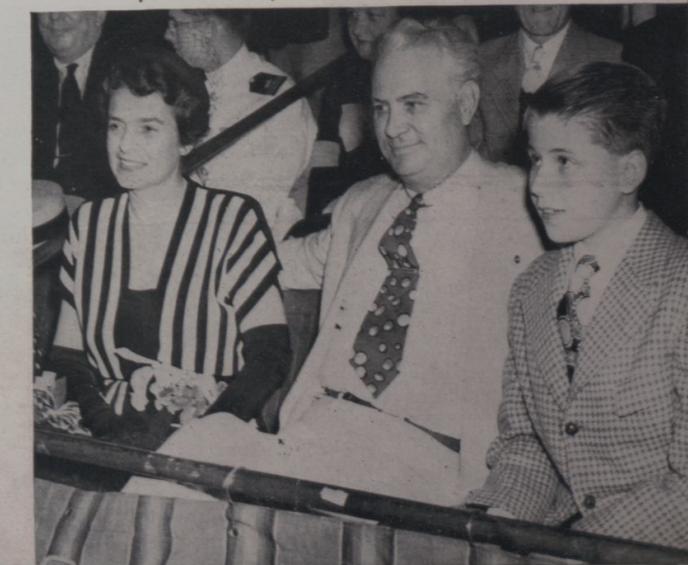
A tarefa mais importante que nos defronta, este ano, afirmou o presidente, é, "primeiro que tudo ganhar a guerra, ganhá-la depressa e completamente. Segundo, formar um organismo de caráter universal, de nações soberanas do mundo, para impedir a possibilidade de outra guerra em futuro tão distante quanto possamos alcançar. Terceiro, estabelecer, para os veteranos que voltam da guerra, e para os americanos em geral, uma economia de trabalho proveitosa e de nível elevado para todos."

Por já terem ambos os partidos quasi que decidido antes a escolha dos seus respectivos candidatos à presidência, os trabalhos das convenções se concentrou principalmente na seleção dos candidatos à vice-presidência. Os republicanos estavam indecisos quanto à escolha do seu candidato, até que o Governador Bricker, que antes de se reunir a convenção, tencionava candidatar-se à presidência da República, tornou-se o maior favorito para

a vice-presidência, tendo sido, por isso, o mais votado, logo no primeiro escrutínio. O Governador Bricker nasceu numa pequena comunidade agrária, em Ohio, onde fez seus primeiros estudos, graduando-se depois em direito. Ingressou então na carreira política, sendo finalmente eleito governador do seu Estado, para um período de três anos.

Quando o Vice-Presidente Wallace não conseguiu obter votos suficientes, dos convencionais, no primeiro escrutínio, para a sua indicação como candidato a reeleição, os delegados do Partido Democrata passaram a dar sua preferência ao Senador Truman, escolhendo-o, no segundo escrutínio. O Senador Truman está exercendo o seu segundo mandato senatorial, tendo alcançado proeminência como presidente da comissão do Senado, encarregada de investigar a natureza das despesas de guerra.

O Governador John W. Bricker, do Estado de Ohio, é o candidato do Partido Republicano à vice-presidência. Vêmo-lo acompanhado de sua esposa e de seu filho Jack, de quatorze anos





O BASEBALL

ESTIMULA A AMIZADE

SE Abner Doubleday, o criador do baseball, há mais de cem anos, ainda vivesse, ficaria surpreso de ver como esse esporte tem contribuído para a aproximação dos povos do continente americano. Nunca previu que o baseball alcançaria tanta popularidade nos Estados Unidos e muito menos, que se estenderia até o Canadá e demais países da América.

Nos Estados Unidos, o baseball é o passatempo predileto de milhões de entusiastas e, atualmente, está alcançando crescente popularidade além das fronteiras norte-americanas, atraindo hábeis jogadores do México, de Cuba, da Venezuela e de Porto Rico. Nas ligas maiores e menores, nos Estados Unidos, figuram quarenta jogadores hispano-americanos, muitos deles em substituição de jogadores que foram incorporados no serviço das forças armadas.

O Vice-Presidente Henry A. Wallace, ao ser informado da inclusão de jogadores das demais Repúblicas Americanas no clube de baseball de Washington, fez questão de externar a sua satisfação convidando-os para uma visita ao Capitólio, onde foram apresentados formalmente. Foi assim uma cerimônia sem precedentes na história do popular esporte.

Há já muitos anos que os jogadores hispano-americanos têm tomado parte nos jogos das duas grandes ligas, a Americana e a Nacional, mas agora em muito maior número, destacando-se dentre eles, veteranos do esporte, como Alejandro Carrasquel, da Venezuela; Roberto Ortiz e Roberto Estalella, de Cuba; Luis Olmo e Hiram Bithorn, de Porto Rico, e Jesse Flores, do México. Outros também têm jogado em vários clubes. Nas bases militares e aéreas em várias das outras

nações americanas, onde as forças dos Estados Unidos estão cooperando na defesa do Hemisfério, o baseball também está sendo um fator de valiosa aproximação entre americanos do norte e do sul. Ainda recentemente, por ocasião de um match entre aviadores dos Estados Unidos e jogadores guatemalenses, na cidade de Quetzaltenango, assim se expressou o coronel Jorge D. Guillén, da Guatemala, dirigindo-se aos norte-americanos:

"Conservaremos com o maior carinho a recordação da vossa destreza atlética e os contatos individuais que esse esporte tem proporcionado entre os jogadores guatemalenses e norte-americanos, fato que vem fortalecer mais ainda a mútua apreciação e a união entre os nossos países."

Mérito reconhecido

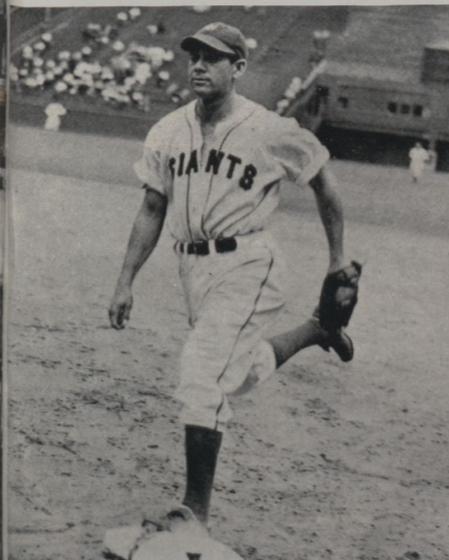
Por sua vez, os jogadores hispano-americanos têm merecido os maiores elogios dos cronistas esportivos da imprensa dos Estados Unidos. Referindo-se ao jogador Gilberto Torres, de Cuba, jogando atualmente no Clube de Washington, um cronista considerou-o "o grande animador espiritual do clube." Acentuou ainda que "Torres é o melhor vínculo entre seus compatriotas e os jogadores norte-americanos. Se o baseball não o tivesse atraído, ele poderia ter sido um excelente diplomata. A sua contribuição a bem de uma perfeita harmonia e compreensão entre os jogadores do equipo tem sido das mais notáveis."

Nos círculos desportivos norte-americanos já se antevê a possibilidade da formação de uma liga inter-americana de baseball, se, depois da guerra, não arrefecer a popularidade que o jogo está despertando. Rogers Hornsby, grande jogador norte-americano, que ora dirige o clube de baseball de Veracruz, propôs a formação de uma liga com teams do México, da Venezuela, de Cuba e dos Estados Unidos.

Jack Minnoch, presidente da Federação Nacional dos Cronistas Esportivos dos Estados Unidos, é de opinião que, no México, em Cuba, em Porto Rico, na Venezuela e na Nicarágua, existe um excelente campo para o estabelecimento de uma liga do apreciado jogo. "Seria uma liga", declara ele, "que poderia se estender também à Colômbia, ao Equador, ao Chile, à Bolívia e à Argentina, países onde o baseball ainda está na sua infância."

Se isso se realizar, o esporte entrará mais ativamente como um dos inestimáveis fatores da aproximação interamericana. O que está se verificando atualmente nos EE. UU. bem reflete o valor do elemento esportivo.

Napoleon Reyes, de Cuba, é um dos jogadores mais valiosos na primeira base do team do clube "Giants", de Nova York



Durante uma partida de baseball, em Quetzaltenango, na Guatemala, entre o team dos aviadores dos EE.UU., da base local, e o team da segunda cidade do país

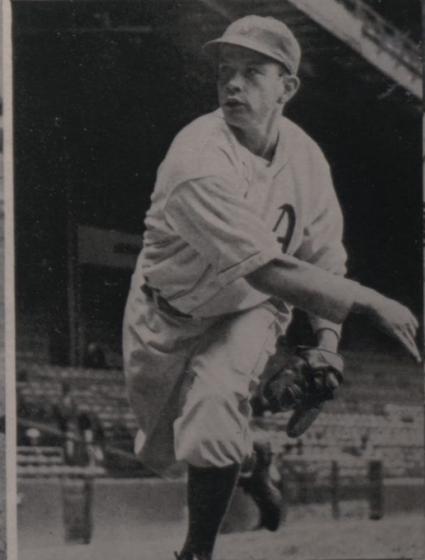
O Vice-Presidente Henry A. Wallace ao saudar alguns dos jogadores de baseball das outras Américas, ora jogando no team de Washington. Da direita para a esquerda: L. Suarez, R. Valdés, A. Carrasquel, F. Guerra, G. Torres, o Vice-Presidente Wallace, R. Ortiz, S. Ullrich e C. Griffith, diretor do team de Washington



Alejandro Carrasquel, "pitcher" do clube "Senators", de Washington. Vários outros jogadores desse clube são latino-americanos



Jesse Sandoval Flores, do México, jogador de um clube de Filadélfia, ao arremessar a bola, numa curva difícil



O vasto Estádio Yankee, de Nova York, durante uma partida de baseball assistida por setenta mil entusiastas do esporte favorito dos EE.UU. Sua popularidade já se alastra pelas outras Américas



Antonio Rodriguez, "infielder" do team de baseball de Vera Cruz, México, ao alcançar a terceira base, durante uma partida contra o team do clube de Tampico

A GUERRA SE ACERCA DO JAPÃO

DEPOIS de tomarem aos japoneses um dos seus poderosos bastiões no extremo ocidental do Pacífico, a ilha de Saipan, as forças navais e aéreas dos Estados Unidos estão se servindo dessa ilha para, como ponto de apoio, lançarem tremendos ataques que estão se acercando cada vez mais das ilhas territoriais do Japão. Dessarte, a aviação americana, dominando as ilhas Marianas, estendeu o seu raio de ação a uma vasta área de mar nas proximidades das ilhas Filipinas, rompendo o círculo exterior das defesas do Japão e pondo em risco suas linhas vitais de comunicações ao sul.

A batalha que se travou nas águas das ilhas Marianas, para capturar a pequena, mas importante ilha de Saipan, de 75 quilômetros quadrados, ficou marcada nos anais de guerra dos Estados Unidos, como a mais sangrenta e a mais renhida da campanha no Pacífico, e como a que mais vidas custou a ambos os beligerantes. Mas, apesar de ter sido elevado o seu custo, a vitória veio colocar os aviões bombardeiros americanos a apenas 1.500 milhas de Tóquio. Por sua vez, a Marinha ficou disposta de mais uma base para lançar seus crescentes ataques contra as linhas de comunicações do inimigo, num dos seus setores mais importantes. A luta para essa memorável vitória absorveu exatamente trinta dias, desde aquele em que as unidades navais americanas romperam o formidável ataque contra a ilha, até o

Soldados americanos mortos durante o renhido ataque levado a efeito contra a ilha de Wake. Cada corpo inerte representa uma verdadeira tragédia e um ato de extremo heroísmo e abnegação



Momentos antes do assalto contra a ilha de Saipan. A medida que as embarcações se aproximam da praia, as tropas, aguardam o supremo momento de entrar em ação. Em baixo: mais reforços para consolidar as posições dos atacantes na luta contra os 20.000 japoneses que defendiam a ilha



dia em que foram exterminados os seus últimos defensores. As primeiras granadas que explodiram nas poderosas fortificações japonesas de Saipan assinalaram o início de uma série de acontecimentos de grande significação para os japoneses, fato que eles sentiram em toda a área de suas operações no Pacífico, e que lhes proporcionou o mês mais mortífero e mais calamitoso da guerra, até o presente.

Quando se verificou a vitória de Saipan, já as ilhas territoriais do Japão tinham sido severamente atacadas, duas vezes, pelos super-bombardeiros americanos. E a marinha de guerra e a frota mercante do inimigo, que estão se reduzindo cada vez mais, estavam igualmente sujeitas ainda a maiores ataques, sofrendo perdas consideráveis, circunstância que veio agravar a significação da perda de um grupo de ilhas das mais estratégicas no Pacífico — as ilhas Marianas.

O assalto contra Saipan foi uma luta de morte para quasi todos os 20.000 fanáticos japoneses que a ocupavam e defendiam. Como uma seqüência dessa derrota, o inimigo ficou com mais de cem navios afundados ou avariados e teve os seus maiores centros de construção naval, no próprio Japão, bombardeados. Quanto às forças norte-americanas, o vulto de suas



perdas não se verificou no número de unidades navais ou de aviões, por isso que apenas quatro navios sofreram avarias, e 155 aviões foram abatidos, tendo sido salvos 98 aviadores. Foi entre a tropa de assalto, a infantaria de Marinha e as forças do Exército, que recaiu o peso das baixas que atingiram a mais de 2.000 mortos e mais de 8.000 feridos ou desaparecidos.

Os drásticos acontecimentos que tão profundamente vieram alterar a sorte das armas niponesas, começaram no dia 10 de Junho, quando um poderoso conjunto naval, considerado oficialmente como o "mais poderoso e destrutivo conjunto da guerra naval", fez-se com rumo à ilhas Marianas. Denominava-se "Força de Ataque N.58", sendo composto de velozes navios porta-aviões, de cruzadores pesados e de numerosos destróiers, unidades que iam completamente equipadas, levando combustível e abastecimentos para prolongadas operações.

Ao aproximar-se de seu objetivo, as baterias de bordo romperam o bombardeio, de proporções formidáveis, secundadas pela ação dos aviões da esquadra, reduzindo a escombros as defesas da ilha de Saipan e destruindo numerosos aviões do inimigo, no ar e em terra. O ataque estendeu-se também às ilhas vizinhas, de Tinian e de Guam. Quatro dias depois, quando já a ilha era apenas um monte de ruínas fumegantes, os navios transportes e as chatas de des-



Apesar de ferido, esse soldado americano, na ilha de Saipan, procura proteger uma inocente criança

embarque se acercaram do litoral para o desembarque das tropas de assalto. A infantaria de Marinha e as várias unidades do Exército, forças compostas, na sua maioria, de veteranos das sangrentas batalhas de Tarawa, de Roi e de Namur, avançaram resolutamente, indo capturar um dos dois mais importantes aeródromos locais. Ficou assim vencido um dos pontos essenciais da resistência do inimigo na ilha de Saipan. Quasi que simultaneamente, de vários aeródromos na China, se aprestavam estrondosamente, para decolar num vôo de históricas conse-

quências, as poderosas super-fortalezas voadoras dos Estados Unidos. Dêsse aeródromos, produto do intenso labor de meio milhão de trabalhadores chineses, os colossais aviões B-29 levantaram vôo, rumaram por sobre o Mar Amarelo e foram direto ao seu objetivo — a cidade de Iawata, fonte de produção da quinta parte do aço fabricado no Japão.

Testemunhas oculares dêsse raide, o primeiro desde o bombardeio de Tóquio pelos aviões americanos, em 18 de Abril de 1942, foram unânimes em acentuar o tremendo efeito das explosões no grande centro siderúrgico japonês. O Japão colhia assim os frutos do seu traíçoero ataque a Pearl Harbor, dois anos e meio antes.

Enquanto isso, as forças norte-americanas em Saipan iam levando o inimigo de vencida, numa luta de extermínio, em terreno acidentadíssimo, atacando sem cessar, nas colinas vulcânicas, no mato, nas tocas e nas praias. A decisiva ação das forças americanas, durante semanas seguidas, não deixou de convencer o almirante japonês Shigetaro Shimado, Ministro da Marinha Imperial, acerca da gravidade da situação, para os americanos. A seu ver, a força atacante do vice-almirante Marc A. Mitscher, que, por sua vez se achava sob o comando do almirante Raymond A. Spruance, chefe da Quinta Esquadra, já devia estar se ressentindo da escassez de combustível, de munição e de aviões.



Um episódio em Saipan: soldados de infantaria de Marinha dinamitam um reduto dos japoneses, e aguardam, de armas em punho, a saída do inimigo

Na gravura em baixo: um detalhe do que restou de Garapan, capital de Saipan, a primeira cidade japonesa tomada pelos americanos, depois de formidável ataque por mar, por terra e aéreo



Mas em vez de arriscar os couraçados, os cruzadores e outras unidades da marinha japonesa, Shimada preferiu mandar aviões navais atacar as forças americanas, presumidamente exaustas. O plano era fazer com que os navios porta-aviões japoneses se aproximassem o bastante para permitir que seus aeroplanos fossem atacar os navios de esquadra americana e, depois, refazerem-se de combustível nas ilhas Guam e Rota, do grupo das Marianas, afim de regressarem aos seus respectivos porta-aviões.

Mas os submarinos e os aviões de observação da esquadra americana já sabiam da presença de uma numerosa força naval inimiga em águas a leste das Filipinas, a uma distância de 500 a 800 milhas a oeste de Saipan. De sorte que, quando os aviões que faziam parte dessa esquadra, chegaram, já quasi exaustos de combustível, para fazer o ataque contra os americanos, foram recebidos pelo tremendo fogo de barragem dos canhões anti-aéreos da esquadra e pelos aviões de combate que já estavam à espera da "surpresa".

Dentro de poucas horas de furioso combate, os japoneses perderam 369 aviões, no ar, e numerosos outros em terra. Os restantes aviões inimigos ficaram impossibilitados de aterrissar em Guam e em Rota, porque os americanos destruíram os depósitos de gasolinas e os aeródromos situados nessas ilhas. No combate, foram abatidos 27 aviões americanos, apenas, tendo sofrido ligeiras avarias dois porta-aviões da esquadra.

No dia 8 de Julho, exatamente um mês após o ataque da esquadra americana contra as ilhas Marianas, a conquista de Saipan estava completa. Os dois importantes aeródromos locais foram postos imediatamente ao serviço das forças dos Estados Unidos, para o ataque contra outros pontos de concentração insular do inimigo. A vitória de Saipan marcou, de fato, para as armas japonesas, o início do período agudo da campanha, que, para o Japão, irá se agravando cada vez mais, até o completo colapso da sua resistência dentro dos próprios redutos imperiais.



Em pleno fragor da batalha, um soldado americano reza por um companheiro morto. Em baixo: cadáveres de japoneses mortos em combate na ilha de Biak, ao norte da Nova Guiné. Vê-se um canhão do inimigo, silenciado, como tantos outros, pelo bombardeio das forças atacantes





A cerimônia da restauração da administração municipal de Cherburgo ao "maire" Paul Renaud, pelo Maj.-Gen. J. Lawton Collins, do Exército americano

O cêrco de ferro em redor da Alemanha

NÃO havia ainda transcorrido o terceiro mês da guerra mais sangrenta e mais custosa na história da humanidade, quando Adolf Hitler, impando de confiança, afirmou aos maiores do seu partido nazista já estar preparado para uma campanha de cinco anos.

"Não porque esta guerra vá durar cinco anos," lembrou ele aos seus sequazes, entusiasmados, "mas porque nunca capitularemos em cinco anos."

Quando rompeu o dia da Libertação e os exércitos aliados, compostos de forças americanas, inglesas e canadenses, desembarcaram na França e perfuraram as muralhas da *fortaleza da Europa*, de que Hitler tanto se jantava, faltavam três meses apenas para completar os cinco anos previstos pelo Fuehrer. Ao completar-se o prazo, as forças da Libertação continuavam a avançar cada vez mais nos domínios fortificados dos alemães, os mesmos domínios que Hitler afirmara serem inexpugnáveis.

Não obstante, as tropas aliadas foram prosseguindo de vitória em vitória, penetrando a fundo no território francês e libertando numerosas cidades do jugo abominável da ocupação nazista. Os aliados, entretanto, estavam tendo um valioso concurso. E' que as forças subterráneas francesas, que havia já quatro anos aguardavam impacientemente a grande oportunidade, tinham se levantado vigorosamente e começado a opôr toda sorte de dificuldades aos alemães, cortando-lhes as comunicações, impe-

AS FÔRÇAS ALIADAS ABREM FINALMENTE UMA BRECHA NA FORTALEZA DA EUROPA

dindo os transportes e destruindo importantes instalações em muitos pontos na retaguarda das linhas de combate.

A longa campanha que, inevitavelmente, se seguiria ao ataque e desembarque das forças aliadas na península de Cherburgo, iria ficar assinalada nos anais da história como um dos feitos militares de primeira grandeza, e de consequências das mais importantes para as forças da liberdade.

Uma vez ocupada definitivamente a península normanda, e com suas forças em franca avançada em direção ao oeste, os aliados não mais dependiam das condições do tempo e das arriscadas operações de desembarque na rochosa costa da França, para os recursos de que necessitavam. Suas linhas de abastecimentos estavam agora firmadas, com uma segura base de operações e com uma completa frente de batalha.

Foi em 1940 que se conceberam os primeiros planos da libertação da Europa, depois de terem sido os ingleses expulsos do continente, por forças alemãs numericamente superiores. Naquela época, o inimigo estava avançando e conquistando em todas as direções e ameaçando de in-

vadir a Inglaterra. Foram os dias negros para a democracia — para os amigos da liberdade. Mas os ingleses já tinham em mente um plano para voltar à França, plano que, mesmo então, tinha em vista a recaptura da península de Cherburgo. O plano desenvolveu-se lentamente. Os raids realizados pelos "comandos", em 1941 e em 1942, na região, demonstraram que um desembarque de tropas em grande escala seria desastroso, se não fosse precedido de um intenso bombardeio pela esquadra e pela aviação.

Com a entrada dos Estados Unidos na guerra, o plano expandiu-se consideravelmente. E seus detalhes finais foram elaborados durante a campanha da Sicília, em 1943, cheia de valiosos ensinamentos para as forças aliadas.

Um ano antes de se efetuar o desembarque na costa francesa, começaram a aportar à Inglaterra numerosos e contínuos carregamentos de material bélico e de abastecimentos procedentes dos Estados Unidos. Tudo quanto era necessário para uma invasão em escala sem precedentes foi sendo armazenado — desde os armamentos de todos os tipos até os aviões planadores. Ao chegar o dia da invasão, mais de 16 milhões de toneladas de abastecimentos militares tinham chegado à Inglaterra — o dôbro da tonelagem recebida pelo General John Pershing, comandante das forças expedicionárias dos Estados Unidos, por ocasião da primeira guerra europeia. Durante meses seguidos, as tropas aliadas exercitaram-se continuamente nos detalhes que



A crescente e contínua chegada de reforços de tropas e de material bélico às costas da França. Em baixo: o Contra-Almirante alemão Henneken (à esquerda), e o Tenente-General Von Schlieben (ao centro), comandante da guarnição nazista de Cherburgo, na ocasião em que se rendiam ao Major-General americano L. Lawton Collins



O General Bernard Law Montgomery, chefe das forças terrestres dos aliados na França, concedendo uma entrevista aos jornalistas aliados, na Normândia

competiam a cada soldado nas operações de desembarque. A magnitude do plano envolvia uma infinidade de pormenores essenciais, dos quais dependia o sucesso do vultoso ataque. Depois dessa rigorosa preparação, de cálculos tão meticulosos, no dia designado, pôs-se em marcha a formidável frota invasora, composta de 4.000 unidades, num conjunto em que cada uma tinha o seu importante desempenho — desde o poderoso couraçado e o transporte de tropas e de material bélico, até o caça-minas. Quando a frota, que coalhava os mares da costa, se aproximou suficientemente, os couraçados romperam o tremendo fogo de suas baterias, surpreendendo o inimigo, acoitado em suas defesas. O intenso bombardeio reduziu a escombros poderosas fortificações, ao longo da costa, preparando o terreno.

No momento oportuno, à meia maré, as forças expedicionárias se acercaram da praia. Algumas das embarcações foram destruídas nas barricadas armadas no mar, pelos alemães. A tropa, entretanto, foi vencendo as dificuldades e avançando sem cessar. O número de baixas, durante essa primeira fase do assalto, foi considerável, mas não tão elevado quanto tinham presumido os chefes aliados. Já então, as praias estavam repletas de tropas atacantes, que, apoiadas pelas baterias dos navios de guerra e pelos canhões que foram sendo assestados em terra, prosseguiram, passo a passo, na sua avançada, ganhando terreno continuamente.

Enquanto isso, a aviação cobria o canal, com milhares de bombardeiros, de aviões de combate e de planadores conduzindo tropas. Ao mesmo tempo que os paraquedistas e as tropas transportadas nos planadores saltavam na retaguarda das linhas do inimigo, os bombardeiros e as aviões de combate, bombardeavam e metralhavam as tropas alemãs e suas defesas, quasi completamente desprovidas de proteção aérea.

A despeito do mar agitado e das dificuldades de efectuar a descarga dos materiais, os reforços de tropas e os abastecimentos continuaram a se acumular nas praias. Em numerosas ocasiões a vitória teria perigado irremediavelmente se não fosse a tenacidade e o espírito aguerrido das valorosas tropas americanas, inglesas e canadenses, especialmente preparadas para o mistêr. E o ataque persistente dos bombardeiros aliados impediu que os alemães fossem bem sucedidos em várias tentativas de enviar reforços. Os transportes ferroviários para a zona de batalha foram interrompidos frequentemente e grande parte da artilharia pesada do inimigo foi reduzida ao silêncio, tal foi a coordenação do fogo da artilharia das forças aliadas. Enquanto os ingleses e os canadenses mantiveram os alemães à distância,



Derrotadas as principais forças nazistas, os aliados se entregam à penosa tarefa de excavar os mortos e feridos das ruínas, assim como de limpar o terreno das numerosas minas deixadas pelo inimigo, na região

perto de Caen e, depois, obrigaram-nos a recuar, os americanos atravessaram a península em direção ao objetivo principal — Cherburgo, um dos melhores portos comerciais na Europa. Durante a avançada na área das fortificações do inimigo, os civis franceses prestaram inestimável concurso aos exércitos da libertação. A despeito da trágica necessidade de bombardear seus lares, os franceses mostraram-se gratos pela sua libertação do jugo nazista.

Dentro de três semanas o porto vital de Cherburgo estava nas mãos dos aliados. Os planos elaborados um ano antes, e depois ampliados com a experiência adquirida no porto de Nápoles, durante a campanha italiana, entraram imediatamente em execução para o completo restabelecimento dos serviços portuários. O grande quebra-mar estava intacto, mas os alemães, na sua retirada, destruíram todas as instalações do cais. Na Inglaterra, entretanto, já estavam aguardando embarque numerosos maquinismos e peças necessárias para todas as obras indispensáveis, E

logo que ficaram completas as operações de desembarque, esse material seguiu para Cherburgo. De grande importância também foi a remessa de material rodante ferroviário, composto de vagões de carga, de vagões refrigeradores, de vagões hospitais e vários outros.

Mas a tarefa inicial dos aliados na França não foi fácil. Sua avançada em direção à Alemanha tinha que ser custosa e longa. O inimigo, em desespero de causa, entrincheirava-se em todos os pontos possíveis, em igrejas, em árvores, em obstáculos de toda sorte, infligindo maiores perdas aos aliados e prolongando o seu bombardeio de artilharia. Os atacantes recuavam de suas posições conquistadas somente quando o inimigo se apresentava em número consideravelmente superior, mas mesmo assim, eram recuadas em completa ordem e de luta intensa na retaguarda.

Característica do que os aliados enfrentaram foi a obscura aldeia de La Meauffe, a oito quilômetros ao norte de St. Lo, o objetivo das forças norte-americanas, no centro da península.



Ferido numa perna, por uma granada nazista, este jovem francês, de St. Sauveur, é tratado pelos médicos americanos



O General D. D. Eisenhower (ao centro), supremo comandante dos aliados, conferência com o Maj-Gen. C. Huebner (à esq.) e o Ten-Gen. O. Bradley, na Normândia

Uma menina francesa coloca flores no túmulo de um paraquedista americano, morto num acidente



Um correspondente de guerra assim comunicou o episódio, pelo telégrafo:

“La Meauffe fica situada numa elevação, com posições artilhadas dominando todas as direções e com metralhadoras colocadas estrategicamente, de maneira a garantir o máximo de defesa. Uma metralhadora estava colocada entre arbus-tos, do outro lado da igreja. No muro do cemitério e na parede da própria igreja, vários orifícios feitos na pedra deixavam ver os canos das metralhadoras, prontas para surpreender o adversário. Essa última defesa exigiu um ataque de 24 horas para ser silenciada. A infantaria americana ficou imobilizada toda a tarde e a noite toda. Somente depois de uma hora de intenso fogo de artilharia foi possível romper o caminho. O que se passou nesse local repete-se frequentemente em todos os pontos da avançada das nossas tropas.”

Houve, entretanto, fartos indícios, de que a crescente superioridade dos aliados foi pouco a pouco obrigando os alemães a recuar. Quando menos esperavam, viram-se entre o fogo de três colunas que fechavam o cerco de St. Lo, de

Periers e de Lessay. O resultado desse movimento envolvente dependeria principalmente das perdas que o inimigo sofresse nas suas armas blindadas. E nesse setor, os alemães perderam 150 tanques, de que tanto necessitavam.

E agora, Adolf Hitler, que nunca fizera segredo do seu temor de combater em duas frentes, se via compelido a combater em tantas frentes quantas os aliados escolhessem, no seu cerco de ferro em redor da “Fortaleza Alemã”.

A leste, os exércitos soviéticos desencadeavam sua formidável ofensiva, avançando numa frente de 3.000 quilômetros. Ao sul, na Itália, os aliados avançavam mais de 140 quilômetros em 20 dias, desde a queda de Roma. E nos céus da Europa hitleriana, desde a Normândia até os extremos limites orientais do Reich, a aviação dos aliados estava atacando diariamente, com mais de seis mil aviões, destruindo fortificações, linhas de comunicações e a maquinaria da produção bélica nazista. Alguns dos bombardeiros aliados decolavam nos campos da Inglaterra e da Itália, lançavam suas bombas sobre numerosos objetivos na Alemanha, e iam aterrissar em bases russas.

Essa aldeia francesa em escombros será reconstruída por uma administração municipal francesa. Vários engenheiros especialistas, dos aliados, estão sendo designados para cooperar na reconstrução das cidades

Na frente de batalha da Normândia: um dos morteiros de 155mm, das forças americanas, entra em ação no bombardeio preliminar de Cherburgo



Dois soldados americanos correndo para serem os primeiros a entrar em La Haye de Puits, que os alemães foram obrigados a abandonar



TANTALITA — UM MINERAL MÁGICO DO BRASIL

A ATIVA PRODUÇÃO DE UM DOS ELEMENTOS MAIS DECISIVOS DA GUERRA MODERNA

NA área montanhosa de quasi seis mil quilômetros quadrados, no nordeste brasileiro, em território dos Estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte, encontra-se um mineral negro que está realizando verdadeiros milagres para o esforço de guerra dos aliados. Esse precioso minério é a tantalita, uma substância de difícil extração, sendo ainda mais difícil encontrá-la em grandes quantidades num só local. Atualmente, mais de quatrocentas minas estão sendo exploradas intensivamente.

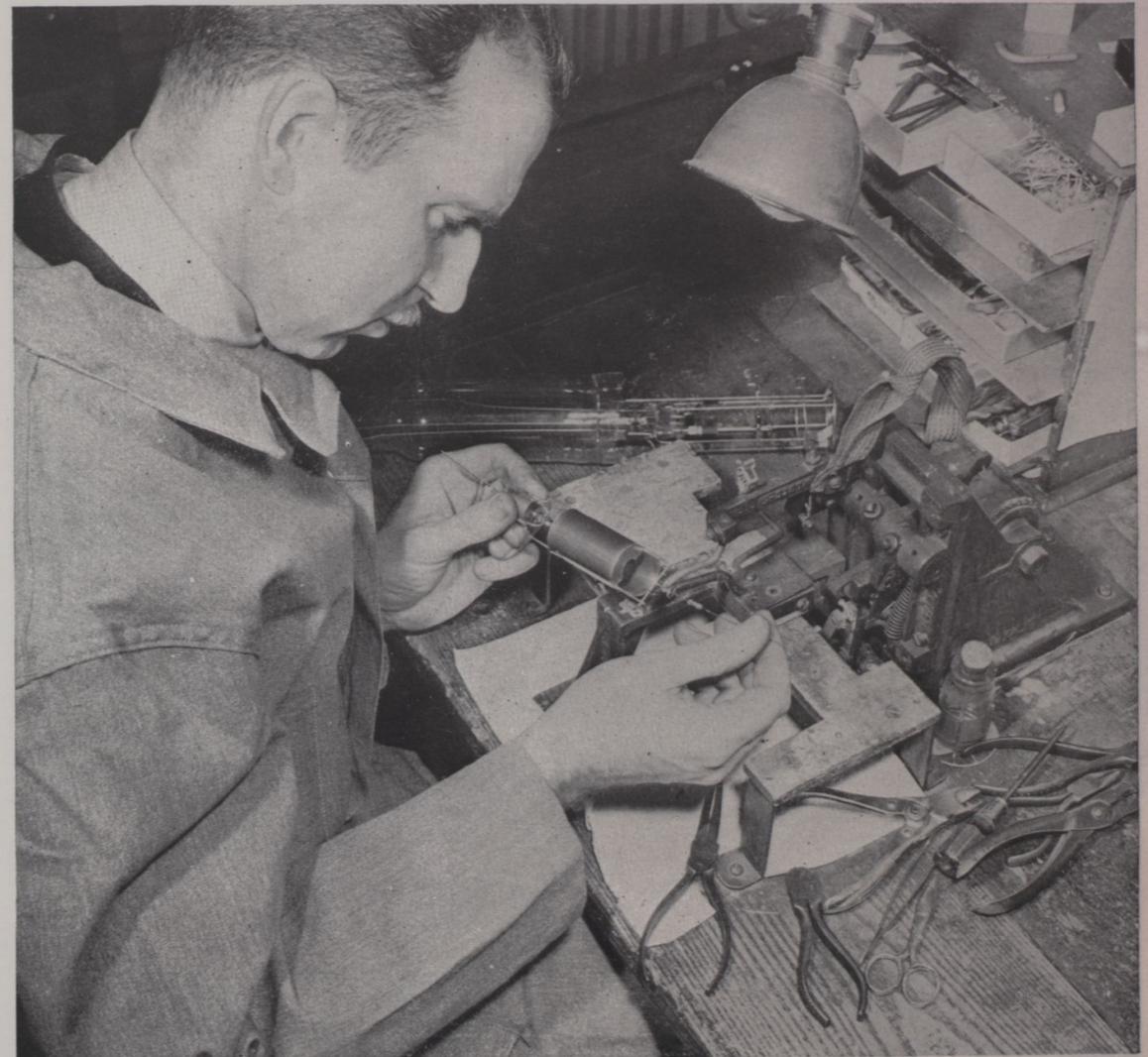
Do minério de tantalita se extrai o tântalo, um metal mágico, azulado, essencial na fabricação de aparelhos de escuta e empregado na cirurgia cerebral e nervosa. O metal é mais resistente do que o aço, não é corrosivo e resiste à ação de todos os ácidos, com exceção do ácido hidrofúrico e do ácido sulfúrico concentrado, em ebulição. Seu ponto de fusão é de 2.815 graus centígrados, tão elevado que não há cadinho que resista. Conquanto esteja sendo usado agora quasi que exclusivamente para fins de guerra, tudo indica que o tântalo tem reservado para si um fabuloso futuro, em tempo de paz. Graças às suas extraordinárias propriedades, esse metal é de grande utilidade em difíceis operações cirúrgicas, servindo para ligar fraturas, craneanas e ósseas, assim como nervos e tecidos, além de muitas outras aplicações.

Industrialmente, o metal é um elemento vital no controle das ondas de elétrons, nas suas respectivas válvulas; atua como um agente catalítico na produção de butadiene, um dos elementos básicos da borracha sintética; em liga com o vidro, desvia os raios luminosos na fotografia aérea, afim de alargar o campo de visão do fotógrafo no seu trabalho de observação. E' também de extraordinária vantagem na fabricação de equipamento de controle de temperatura, na fabricação de peças de válvulas e de bombas de sucção, de aparelhos químicos e de certos tipos de retificadores elétricos e de condensadores.

Há poucos anos, o Brasil, era uma fonte de pouca importância na produção de tantalita, mas agora está produzindo mais do que a Austrália e a África do Sul. De suas jazidas estão saindo mais de cinquenta por cento do minério de que se abastecem as Nações Unidas.

Nesta mina (à esquerda), situada no Brasil, as Nações Unidas estão se abastecendo do precioso mineral — tantalita

Um comprador do minério verifica cuidadosamente o seu peso. O preço é de mais de seis mil dólares por tonelada



Um medidor de raios ultravioletas bactericidas, de tântalo, metal também essencial na fabricação de numerosos outros novos instrumentos científicos

Placas do metal tântalo, produto de tantalita, usadas na cirurgia plástica, para restaurar um crâneo perfurado



Lavando e peneirando o minério, numa das minas, com água trazida de grandes distâncias. Por ser mais pesada do que outros minerais, a tantalita se deposita no fundo do caixão





Vista da cúpula do Capitólio dos E.E.U.U., elevando-se por trás de árvores e arbustos. Aí se reúnem, para legislar, os representantes de cada um dos 48 Estados. Em baixo: a Universidade de Georgetown, uma das mais antigas instituições católicas de ensino no país, fundada pelos jesuítas, em 1786



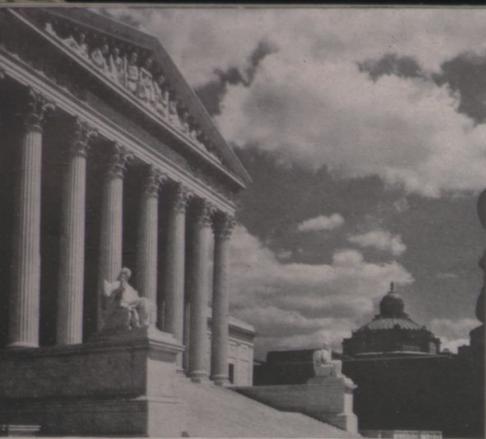
A CAPITAL DOS ESTADOS UNIDOS

QUANDO o capitão John Smith, um dos primeiros exploradores e colonizadores da América do Norte, penetrou por um largo rio que os aborígenes chamavam "Patawoameck" (hoje conhecido por Potomac), notou que o rio tinha peixe em abundância e que suas margens eram habitadas por índios hostis. O vasto banhado que então existia na região por ele descrita há quasi 350 anos, se estendia pelo interior até alcançar vários pontos na terra firme, cobertos de denso arvoredo. Esse foi o local onde se ergueu a cidade de Washington, capital dos Estados Unidos. Na vastidão territorial do país, Washington ou Distrito de Colúmbia, é uma pequenina área de menos de 16 quilômetros quadrados, sem similar na nação inteira. Como a

capital-federal da União, a cidade é administrada por três comissários de nomeação do presidente da República. Nenhuma grande indústria perturba, com a fumaça, a pureza da sua atmosfera. E, dentro dos limites desse distrito, se centraliza quasi toda a estrutura do governo federal. Quasi todos os seus habitantes estão direta ou indiretamente ligados ao governo da nação. Entretanto, os fundadores da República tiveram grande dificuldade de decidir exatamente o local onde deveria ser a sede do governo federal. Os Estados da Nova Inglaterra, por exemplo, queriam que a sede do governo fosse em Nova York ou em Filadélfia. Os Estados do sul davam preferência à cidade de Richmond, na Virgínia. Por sua vez, os Estados do oeste cen-



Um dos pontos de maior atração em Washington, na primavera, às margens do rio Potomac, quando as cerejeiras estão em flor. Vê-se, ao fundo, o famoso monumento de Washington, procurado, durante os meses de verão, por visitantes de todas as partes dos Estados Unidos e também das outras Américas. Subindo pela longa escada em caracol ou pelos elevadores, no interior do obelisco comemorativo, pode-se apreciar, do topo, um dos mais belos panoramas

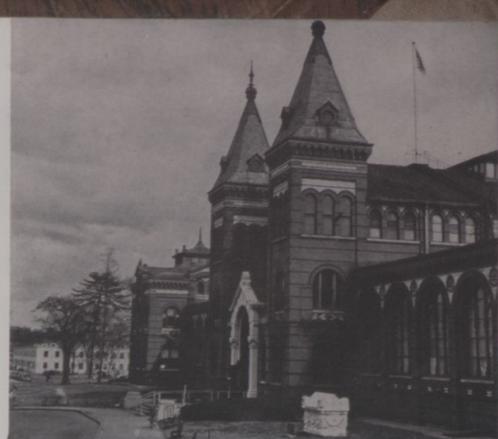


O belo edifício da Corte Suprema dos Estados Unidos — o mais alto tribunal de justiça da nação.



O "Pentágono", o maior edifício público do mundo, onde está instalada a maioria das dependências do Departamento da Guerra. Ocupa uma área de mil e seiscentos metros quadrados, tem cinco andares, com cinco fachadas e, no

interior, dez quilômetros de corredores. Nêle trabalham mais de 33.000 pessoas. Oito restaurantes, dentro do edifício, servem 55.000 refeições por dia. O "Pentágono" está situado em território do Estado de Virgínia, do outro lado do rio



A famosa Instituição Smithsonian, fundada com recursos deixados, em 1829, pelo inglês James Smithson

tral, cujo desenvolvimento então se iniciava, achavam que seus interesses seriam prejudicados se a sede do governo não se estabelecesse na parte central do país.

As várias seções da União estavam tão ansiosas de terem em seu seio a capital-federal, que muitos Estados se prontificavam a ceder parte de seus territórios para esse fim. Mas enquanto se discutia o problema, o primitivo corpo administrativo da nação, o Congresso Continental, procurando agradar a todos, transportava-se de um ponto para outro, afim de realizar suas sessões. Foi assim que Filadélfia e Nova York vieram a ser, respectivamente, por algum tempo, a capital da União.

George Washington, o fundador da República, foi quem, finalmente, escolheu o presente local, adjacente à velha vila de Georgetown, onde os jesuítas, em 1786, tinham fundado a mais antiga universidade católica do país.

Depois de muita discussão e debate, Thomas Jefferson conseguiu fosse aprovado pelo Congresso o local escolhido para a construção da cidade. Mas mesmo depois do ato do Congresso, de 16 de Julho de 1790, estabelecendo a sede do governo às margens do Potomac, muitos anos ainda decorreram até que numerosos líderes das outras partes do país aceitassem como um fato consumado a instalação definitiva da capital.

Começaram então os trabalhos de transformar em cidade aqueles banhados e aquelas matas. Os Estados vizinhos, de Maryland e de Virgínia, cederam alguns trechos de suas terras e o Con-

gresso autorizou o presidente a nomear três comissários para tratar do plano de construção da cidade. A parte cedida pelo Estado de Virgínia foi, mais tarde, restituída. Contudo, a cidade, atualmente, quasi que se estende por toda aquela mesma área. Com seus pitorescos aspectos, suas amplas avenidas, praças arborizadas e magníficos jardins, Washington tornou-se uma das cidades mais belas do mundo, graças, principalmente, ao talento criador de um engenheiro francês — Pierre Charles L'Enfant. Tendo vindo aos Estados Unidos, para servir no exército do general Washington, durante a guerra da Independência, resolveu permanecer no país, depois da vitória, como major do Exército da nôvel nação, os Estados Unidos da América do Norte.

O plano da cidade

Foi L'Enfant quem dotou a capital americana de praças circulares e de avenidas diagonais ao estilo de Paris, em contraste com o estilo geométrico de quadrados e de ângulos retos tão comuns em numerosas cidades dos Estados Unidos. Os próprios americanos que, pela primeira vez, visitam a sua bela capital ficam, a princípio, confusos com a disposição das avenidas que se distendem em léque, de um ponto central formado pelo edifício do Capitólio, assim como com as quatro zonas — nordeste, noroeste, sudeste e sudoeste — nas quais se divide a cidade. Mas não deixam de admirar as praças circulares, emolduradas de belas árvores e arbustos floridos ao longo das avenidas, e a grande alameda que

vai do Capitólio até a margem do rio Potomac, numa extensão de mais de dois quilômetros.

O urbanista L'Enfant previu o grande crescimento da cidade e fez questão de reservar espaço bastante. Contudo, nos primeiros tempos, houve muita crítica acerba contra o delineamento da cidade. Jornais de Filadélfia e de Nova York chamavam o Capitólio "palácio no meio do mato", e a principal avenida, a Pensilvânia, "o grande lamaçal." Diziam que o palácio presidencial e o Capitólio estavam demasiadamente separados. Entre os dois edifícios corria a Avenida Pensilvânia, apontada pelos oponentes como uma via pública coberta de mato e pontilhada de poças d'água estagnada, "verdadeiros focos de impudismo." A avenida, de fato, era sujeita e enchentes tão frequentes, de águas pluviais, que se tornava navegável. E, nos dias de sol, a lama se transformava em poeira insuportável. Pouco a pouco, porém, a despeito de muita discussão e de muita delonga, a capital da jovem república foi adquirindo forma condigna da sua importância. Três anos depois de ter sido aprovado pelo Congresso o local da sua construção, foi lançada a primeira pedra do edifício do Capitólio, destinado aos trabalhos dos dois ramos do Poder Legislativo — o Senado e a Câmara dos Representantes. Entretanto, o povo americano, que concordara prontamente em se governar a si próprio, através de seus legítimos representantes, devidamente eleitos, custou muito a chegar a um acôrdo quanto aos planos definitivos da construção do edifício

que deveria alojar os seus legisladores. Somente depois de setenta anos, já na presidência de Abraham Lincoln, foi que a estrutura do edifício ficou concluída. Mas o processo da democracia não podia ficar tolhido, enquanto carpinteiros e pintores terminavam a construção do parlamento. Por isso, os congressistas foram se reunindo em suas sessões, regularmente, a despeito do trabalho dos operários.

O interesse pelo Congresso

Hoje, a Capitólio é um dos edifícios mais fotografados no país. Fotógrafos profissionais têm tomado interessantes aspectos do edifício durante todas as estações do ano: na primavera, quando começa a despontar a folhagem nas numerosas variedades de árvores que o cercam; no verão, quando seus jardins se apresentam lindamente floridos; no inverno, quando a alvura da neve empresta à paisagem um encanto todo original, e nas noites chuvosas, quando a cúpula, iluminada, se reflete no asfalto molhado. Contudo, quasi não há um americano que visite Washington, que não tire, com a sua própria câmera, uma fotografia do Capitólio, o edifício que simboliza para o cidadão, a parte que êste desempenha no governo de sua pátria. A obra arquitetônica bem reflete essa qualidade representativa. O palácio do Congresso norte-americano foi construído de mármore branco de Massachusetts e de pedra amarela de Virgínia. O material das suas 100 colunas veio de Maryland. A cúpula branca, de ferro, é encimada por

13 colunas representando os 13 Estados originais da União. Sobre a cúpula há uma estátua simbolizando a liberdade.

No interior destacam-se murais, estátuas e decorações dedicadas aos 48 Estados e a vários proeminentes congressistas. Das galerias que circundam a sala de sessões de cada uma das casas do Congresso, os cidadãos podem ver e ouvir seus próprios representantes estaduais, durante os debates parlamentares e as discussões dos problemas nacionais.

Do Capitólio, olhando para o oeste, contempla-se um dos cenários mais belos do mundo, na opinião do grande geógrafo Humboldt. À distância, vê-se, em suas linhas rígidas e singelas, o obelisco dedicado à memória de George Washington, e o lago no qual se reflete a beleza simples e helênica do monumento de Lincoln. Mais além, as águas do rio Potomac vão se confundir, na linha do horizonte, com as montanhas de Virgínia, formando um belo panorama.

No extremo da Avenida Pensilvânia está a Casa Branca, o palácio presidencial, quasi perdido de vista entre outros edifícios e o arvoredo. Segundo o projeto primitivo, a Casa Branca e o Capitólio deveriam ficar bem visíveis, um do outro, mas o edifício do Departamento do Tesouro veio interceptar a vista. A sua construção foi o resultado de uma decisão precipitada, depois de muita delonga em chegar-se a um acôrdo quanto ao local. Segundo a versão corrente, o presidente Andrew Jackson, impacientando-se com a demora, foi com o arquiteto a um ponto

próximo da Casa Branca e, batendo no chão com a bengala, disse: "Aqui, aqui mesmo, quero a primeira pedra." E assim foi. Ali se erigiu o Tesouro e, mais tarde, do outro lado foi construído o edifício do Departamento de Estado, para harmonizar o conjunto.

O Palácio Presidencial

A Casa Branca, residência dos presidentes, foi construída muito antes desses edifícios adjacentes. George Washington acompanhou, pessoalmente, a elaboração dos planos e os trabalhos de construção, iniciados em 1792. Durante as obras, os operários se alojaram em pequenas habitações provisórias, do outro lado da estrada. Ai, mais tarde, foi construído um reservatório d'água, que, depois, foi transformado em praça gramada — Jackson Square — tendo em volta as residências das famílias mais proeminentes de Washington. Destacavam-se, por exemplo, a de Dolly Madison, viuva do presidente James Madison, e a histórica residência de Francis P. Blair, a qual, posteriormente, foi restaurada, servindo para os hóspedes oficiais. E' aí que presidentes das Repúblicas Americanas e outros líderes mundiais têm se hospedado, durante suas visitas a Washington.

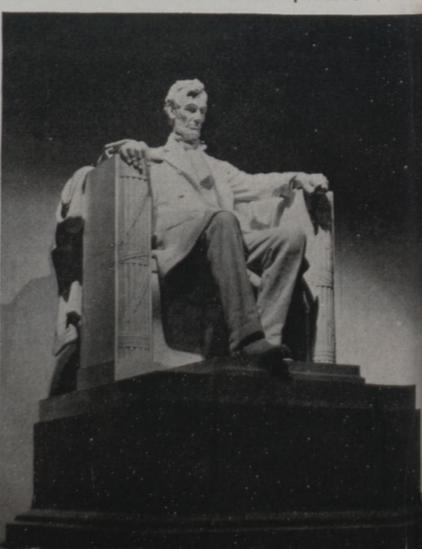
Os edifícios das repartições públicas têm substituído os lares dos primeiros tempos da cidade, mas Jackson Square ainda conserva o mesmo encanto de outrora. Durante a hora do almoço, os empregados das diversas repartições públicas ali passam alguns momentos, alimentando os

(Continúa)

Milhares de pessoas que estão ativas no trabalho de guerra encontram um passatempo predileto nos famosos concertos realizados às margens do rio Potomac, durante o verão, pela Orquestra Sinfônica Wingate



O monumento de Lincoln. Nas paredes do edifício estão inscritos os famosos discursos do ex-presidente



A rotunda da Galeria Nacional de Arte. A fonte é encimada por uma figura de Mercúrio, de Bologna



Aspecto do movimento urbano em Washington. Com a guerra, a cidade tem crescido mais do que qualquer outra no país, tendo uma população de 1.250.000 habitantes, dos quais duzentos mil são funcionários públicos





A Union Station, onde se centraliza todo o movimento ferroviário da cidade, e cuja área é equivalente à área das duas maiores "gares" de Nova York. Em baixo: a histórica Blair House (à direita) e a Blair-Lee House (à esquerda), onde se hospedam os convidados oficiais. A última passou por vários melhoramentos ultimamente, para melhor acomodar seus hóspedes



O edifício da União Panamericana, onde são recebidos com honras especiais os dignatários das demais Repúblicas Americanas. Seu pátio azáfico e os jardins são um ponto de atração

esquilos e os pombos que se acercam dos bancos do jardim. Bernard Baruch e outras altas autoridades são vistos frequentemente discutindo problemas nacionais, nos bancos da histórica praça, em companhia de seus colaboradores. No centro do jardim está a estátua do presidente Andrew Jackson, cujo nome foi dado à praça. Em cada um dos quatro cantos do famoso logradouro público estão as estátuas de notáveis personagens que serviram com George Washington, na guerra da Independência — Lafayette, Van Steuben, Kosciusko e Rochambeau. Com essas estátuas e com outros monumentos erigidos em vários pontos da cidade, o povo dos Estados Unidos presta homenagem aos grandes líderes do passado. Na capital americana destacam-se alguns dos mais expressivos monumentos nacionais, notadamente o monumento de Lincoln, o de Washington e o de Jefferson. Grandes homens de outras nações amigas também têm um lugar de destaque em Washington, como San Martín, por exemplo, o grande libertador argentino, cuja estátua se ergue na Judiciary Square.

Em tempo de paz, a capital dos Estados Unidos é um paraíso dos turistas. Munidos de câmeras e de livros-guias da cidade, visitantes de todas as partes do mundo vêm apreciar a famosa capital, seus monumentos, suas universidades, seus museus e galerias de pintura. De auto-ônibus, percorrendo a Rua 16 ou a Avenida Massachusetts, observam os vários edifícios das embaixadas estrangeiras. No Folger Shakespeare Museum podem ver os manuscritos originais e o teatro reconstruído do tempo do grande poeta. Admiram a magnífica entrada da Biblioteca do Congresso, uma das maiores do mundo, vêem o original da histórica Declaração de Independência, afirmando que "todos os homens são criados iguais e todos são dotados, pelo seu criador, de certos direitos inalienáveis, dentre os quais se acham o direito à vida, à liberdade e a satisfação do seu próprio bem estar."

Entre o norte e o sul

Washington é um ponto mediano entre o norte e o sul do país, um centro de população no qual se mesclam as maneiras de falar de nortistas e de sulistas; uma cidade onde os pássaros e as flores de ambas as regiões se encontram lado a lado; onde o tempo varia rapidamente, e a extraordinária umidade, no meado das estações do verão e do inverno, causa dias bastante desagradáveis.

Mas, agora, há poucos turistas em Washington. Os forasteiros, em geral, são os militares, as mulheres servindo nas forças armadas ou os parentes dos feridos de guerra, que se encontram em tratamento no Hospital Walter Reed, do Exército. A capital está muito ocupada com a elaboração dos planos de guerra; pouco tempo tem para receber visitas, com exceção, naturalmente, de estrangeiros ilustres, dentre os quais se destacam os chefes de Estado e altas autoridades das nações americanas, cuja missão nos Estados Unidos é sempre de grande importância internacional.

Situada entre as frentes de batalha da guerra mundial, na Europa e no Pacífico, Washington tem se tornado como que a capital das Nações Unidas, mantendo contato directo com os exércitos e com as esquadras em ação. É o centro nervoso que coordena a produção de material bélico feita com as matérias primas fornecidas constantemente pelas outras Américas.

Dois jovens do Corpo Auxiliar da Guarda da Costa dos E.E.UU. em visita a soldados convalescentes no Hospital Militar Walter Reed



A NOVA E INVENCÍVEL FRANÇA

A IMPRESSIONANTE CELEBRAÇÃO DO DIA 14 DE JULHO, NA NORMÂNDIA

Este artigo foi telegrafado da Normândia por Clark Lee, correspondente do International News Service e ex-correspondente na capital do México. Quando os japoneses ocuparam as Filipinas, ele fugiu numa pequena embarcação. Mais tarde fez várias reportagens no sul do Pacífico, no norte da África e na Itália, antes de seguir para a França.

PELA primeira vez, desde 1939, puderam os franceses da Normândia celebrar, este ano, a grande data da Bastilha, o dia 14 de Julho. Conquanto fossem apenas os franceses que se encontram na parte da Normândia libertada pelas forças americanas e inglesas, nem por isso teve menor significação a comemoração agora realizada na presença das tropas aliadas que vieram reacender a luz da liberdade que raiou para a França e para o mundo, em 14 de Julho de 1779.

Esse dia, agora, foi bastante expressivo para os franceses. Havia quatro anos que estavam proibidos de desfaldar o pavilhão tricolor, no dia 14 de Julho. Nessa data, só tinham a encar um símbolo — a odiada suástica nazista, símbolo da opressão e do opróbrio. Qualquer manifestação que pudesse significar um tributo à glória e à honra da França, como uma grande nação civilizada, era um crime hediondo. Demais, só havia, por toda parte, a presença de soldados alemães e de agentes nazistas, prontos para acusar e para punir.

Mas o espírito da França não se extingue nem mesmo sob o jugo de um exército de ocupação de Hitler. No ano passado, por exemplo, nos lares da Normândia, houve uma silenciosa celebração, na qual podia sentir-se o murmurar de lábios num simples brinde, quando os copos se tocavam: "À França livre!"

Enfim, livres!

Proibidas de ostentarem no peito a bandeira francesa, muitas jovens, em grupos de três, saíam às ruas, cada uma com um vestido de cor diferente: branco, azul e vermelho, conseguindo assim o mesmo resultado. As mães também vestiam seus filhinhos da mesma maneira.

No dia 14 de Julho deste ano, porém, não havia necessidade de tais subterfúgios. Como correspondente de guerra junto ao Primeiro Exército dos Estados Unidos, percorri as estradas da Normândia, a poucos quilômetros das linhas de fogo, onde a batalha ia no seu auge. Em cada janela havia uma ou mais bandeiras francesas, geralmente acompanhadas de uma bandeira americana, visivelmente feita à presa, em casa.

Toda a população estava em seus trajés domingueiros. As mulheres usavam chapéu, e iam a caminho da igreja, acompanhadas de crianças que se mostravam radiantes, em suas roupinhas limpas e engomadas. Até os velhos não deixavam de saudar os soldados que passavam pelas estradas, e não esqueciam de fazer, com os deões, o "V" simbólico da vitória. Para quem conhece o camponês da Normândia, tradicionalmente retraído, essa era uma demonstração realmente extraordinária, que exprime a grande alegria reinante. Em geral, somente aos domingos é que os adultos se manifestam em sua apreciação aos nossos combatentes. Mas a crianças estão sempre ansiosas de aguardar a passagem dos soldados, porque já sabem que eles não carregam apenas balas que matam: trazem também balas de chupar, bombons e tantas outras guloseimas, que vão distribuindo pelo caminho, correspondendo à boa acolhida das crian-

ças. Nos primeiros dias que se seguiram à invasão, essa demonstração de simpatia nos causou certa surpresa. E' que nos preocupava a idéia de que os franceses não nos recebessem com a satisfação que esperávamos. Indaguei do fato a muitos franceses e, de muitos, obtive a mesma resposta. Característica dessa maneira de pensar, foi a resposta que me deu uma mulher de meia idade, com quem tive ocasião de palestrar num restaurante de Bayeux, a cidade que conseguiu escapar à destruição da guerra.

"Por que é que se nota um certo ar esquivo na maneira como nos recebem os franceses?", perguntei à mulher. "Parece que gostam de nos ver, mas receiam demonstrar isso. Por que será?"

"Não imagina," respondeu ela, calmamente, "o que é para um povo passar quatro anos encarcerado; a transformação que se opera na sua alma, no seu sentimento. Conheço o meu povo e todos me falam francamente. Todos me dizem da satisfação que sentem intimamente, mas, muitos têm medo."

E proseguiu, acentuando a razão:

"Lembram-se de Dieppe. Sabe que os franceses que ousaram acenar aos soldados ingleses, dar-lhes água ou comida, ou mesmo dirigir-lhes um sorriso, foram traídos pelos "colaboracionistas" dos alemães, quando estes, mais tarde, reocuparam a cidade? Sabe quantos foram mortos pelos nazistas, somente porque sorriram para um soldado aliado? Fatos dessa ordem deixam uma lembrança negra. Não admira que um povo, moralmente combatido, depois de quatro anos de ocupação nazista, nem sempre possa fazer idéia de que os aliados agora estão aqui para ficar, e que isto não é outra Dieppe."

A alma francesa

Já tínhamos notado que, à medida que nossas tropas avançavam, as populações que habitavam perto da praia, iam, pouco a pouco, se sentindo mais garantidas e se tornando mais afáveis. Contudo, sentia-se a precaução que os dominava, "a lembrança de Dieppe."

Havia, naturalmente, milhares de outros franceses que não hesitavam em dar franca expansão ao seu entusiasmo pela nossa presença. Uma mulher idosa, em Lespieux, perto de Cherburgo, por exemplo, há quatro anos que fez uma bandeira americana porque "estava certa de que, algum dia, os americanos finalmente chegariam." Foi, num mixto de indescrevível emoção e alegria, que ela entregou a prezada bandeira ao primeiro soldado americano que entrou na cidade. Uma família, vizinha dessa bondosa mulher, enterrou quatro aviadores americanos que morreram, dois anos antes, num desastre de avião, quando voa-

vam sobre a França. E todos os domingos, pesadas da família iam depositar flores sobre o túmulo dos americanos, até que os nazistas, indignados com aquela singela demonstração de bons sentimentos, puseram guardas nos portões do cemitério, impedindo a entrada de qualquer francês. Numerosos camponeses deram abrigo a vários paraquedistas americanos que ficaram perdidos, na manhã da invasão. Quanto a feridos, os franceses deram frequentes provas de atenção e carinho, sempre que se tratava de um soldado aliado.

De extraordinária importância e significação foi a cooperação de inúmeros franceses, desprovidos de recursos, mas ansiosos de fornecerem aos aliados todas as informações que pudessem conseguir das "organizações subterrâneas." Foi assim que os aliados obtiveram informes detalhados sobre as defesas dos alemães na península, fato que serviu também para salvar muitas vidas entre as tropas invasoras.

Gratos pela vitória

Contudo, quando os aliados não tiveram outro recurso senão intensificar o seu bombardeio das vilas e cidades ocupadas pelos alemães, para garantir a avançada dos atacantes, seria natural que os franceses se mostrassem sentidos com a destruição de seus lares e de seus haveres. Mas, na sua eterna glória, não mostraram ressentimento. Tive ocasião de falar nesse sentido a vários habitantes da região. De nenhum deles ouvi o menor protesto. Pelo contrário; sacodeiam os ombros e exclamam convencidamente: "C'est la guerre!" Outros ainda encaravam o fato como a consequência de um sacrifício justificado: "Nenhuma preço é alto de mais para ficarmos livres desses canais!" ou então: "Isso é apenas uma pequena parte da nossa contribuição para libertar a nossa França!"

Houve o caso interessante do francês Gerald Dieu, que surgiu de uma pilha de escombros fumegantes, de vinte metros de altura, depois de um dos primeiros bombardeios. Quando as tropas aliadas e os jornalistas entraram em Caen, ele foi o primeiro a conduzi-los, orgulhosamente, para sua residência, uma bela "villa". Por sorte, sua casa estava quase intacta, mas em redor tudo eram ruínas. Onde, antes, eram quarteirões e ruas, agora só se via escombros. Mas Gerald Dieu sobreviveu a esse bombardeio que sacrificou tantas vidas. Alguns dos sobreviventes vieram abrigar-se em sua casa. Estavam assustados, impressionados com a situação e lamentavam a perda de parentes e amigos. Mas não externavam rancor algum e já falavam, com todo interesse, nos trabalhos de reconstrução, logo que a artilharia dos alemães, do outro lado do rio, fosse posta fóra de combate.

A atitude desse homem é típica da atitude dos franceses nas outras cidades. Logo que cessou o fogo e puderam voltar para suas terras, deram-se pressa na tarefa de salvar o que podiam dos destroços deixados pela guerra, reorganizando suas vidas da melhor maneira. Esse é o verdadeiro espírito francês, que agora, mais do que nunca, predomina em todas as partes libertadas.



A vacinação e a aplicação do pó DDT, um poderoso exterminador do piolho que transmite o tifo, salvou a cidade de Nápoles dos horrores duma epidemia

DDT Exterminador do Tifo DDT

DURANTE quase setenta anos, a descoberta ficou como que em segredo. Enquanto isso, milhões de pessoas morriam de tifo, a pavorosa febre que, em tempos históricos, ceifou 200.000.000 de vidas e decidiu o curso de mais de dez guerras. Contudo, a solução do problema do tifo já existia desde 1872, quando um obscuro químico misturou quatro substâncias, dicloro, difenil, tricloro e etane, para produzir um pó que se tornou conhecido nos laboratórios experimentais, simplesmente pelas iniciais "DDT".

Mesmo em 1939, quando uma firma suíça patenteou o "DDT", ainda não se imaginava que a pó pudesse ser usado para matar piolho, o parasita que dissemina toda epidemia de tifo pelos continentes. O pó foi introduzido como um exterminador de traça, e uma pequena quantidade foi depositada, juntamente com outros inseticidas, nos laboratórios do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos.

Ao entrar o país na guerra, as autoridades militares solicitaram urgentemente ao Departamento de Agricultura, a preparação de um método melhor de proteger os soldados contra os piolhos transmissores da febre

tifoide. Os cientistas do Departamento aperfeiçoaram métodos para a produção, em grande escala, de uma vacina anti-tífica. Descobriram um novo fumigante, e construíram um novo gabinete portátil de fumigação, destinado à esterilização de uniformes, roupas e peças de equipamento das tropas que se acham nas frentes de batalha.

Sua maior descoberta, entretanto, foi o DDT, um pó sintético derivado de uma mistura de alcatrão, de álcool e de ácido sulfúrico. Quasi todos os inseticidas foram postos à prova em piolhos cultivados, mas o pó suíço foi o que se apresentou com qualidades extraordinárias. Não somente extermina o parasita, como imuniza, durante semanas, o corpo e a roupa das pessoas que fizerem a aplicação do pó. Até mesmo depois de ser lavada várias vezes, a roupa submetida a uma única aplicação do DDT, permanece repelente ao piolho. E o pó podia ser fabricado economicamente, em grandes quantidades. Os soldados aliados, atualmente nas frentes de batalha, dispõem, como parte do seu equipamento, de uma latinha com o pó, para aplicação local, ainda mesmo que estejam vacinados contra o tifo. O pó DDT foi posto à prova, de maneira definitiva, quando as tropas

Soldados da polícia de Nápoles vacinando-se contra o tifo. A vacina anti-tífica tem, frequentemente, um efeito que dura seis meses



aliadas entraram em Nápoles. Os alemães, na sua retirada, tinham dinamitado todos os reservatórios d'água e as usinas elétricas da cidade, havendo grande dificuldade de encontrar água para os cuidados higiênicos elementares. Em tais condições, o piolho se alastrou e irrompeu o tifo. Em Outubro de 1943, foram registados 25 casos do mal, nos hospitais de Nápoles. Em fins do ano, a média dos casos foi de 40 por dia. Ao terminar o mês de Janeiro deste ano, a média passou a ser de 60. O tifo já tinha se alastrado entre a tropa e a população acrescida pelos refugiados.

Uma ou duas semanas depois de infectadas pelo parasita, as vítimas apresentavam-se com os sintomas característicos do mal, chegando a temperatura a atingir 41.6 graus. Depois de duas semanas, a febre cedia repentinamente e o doente entrava no período crítico. Nos doentes moços e resistentes, a mortalidade era de dez por cento dos casos, atingindo a setenta por cento entre os idosos.

O caso de Nápoles

Mesmo os que escapam, ficam sujeitos a uma longa convalescença e não estão fora do perigo. Durante a última guerra, os parasitas eram mais frequentes no inverno, nas localidades que, em consequência da situação, dispunham de poucos recursos sanitários.

Agora, em Nápoles, foi uma verdadeira epidemia, na opinião do general de brigada Leon Fox, diretor local da Comissão Norte-Americana do Tifo, na área do Mediterrâneo. "Contudo", declara essa autoridade médica-militar, "nunca soube, em toda a história das epidemias, de uma que fosse dominada antes de haver atingido um elevado número de casos. Era de esperar que, em Fevereiro, a média fosse de 500 casos por dia. E, em geral, nunca se pode dominar uma epidemia durante os meses do inverno".

Mas, em fins de Janeiro, chegaram a Nápoles grandes quantidades do pó DDT, tendo sido organizada a sua distribuição entre quasi toda a população. Mesmo aqueles que nunca tinham tido antes contato com piolhos, tomavam a precaução de aplicar o pó em suas roupas. A imunização das crianças, por esse meio, mereceu especial cuidado. Foi assim que os casos de tifo começaram a diminuir imediatamente e, em meados de Fevereiro, a epidemia estava completamente dominada.

O pó DDT também tem outras propriedades inseticidas que deverão ser aperfeiçoadas depois da guerra, para bem da humanidade, mas, atualmente, a sua aplicação está adistrita unicamente ao propósito anti-tífico. Apesar de ter sido aceito, a princípio, com certas reservas, os cientistas agora não hesitam em declarar que esse pó veio pôr termo, definitivamente, aos temores causados pela transmissão de doenças que, há séculos, têm acompanhado os exércitos em guerra.

"Nunca mais, depois desta guerra", declara o general Fox, "deve permitir-se que o tifo se alastre. Isso ficou provado em Nápoles, fato que serviu para demonstrar que, mesmo em meados do inverno, pode estancar-se uma epidemia de tifo".

Conquanto, até agora, os exércitos combatentes não tenham recorrido à necessidade da estagnação da guerra de trincheira, que se transforma num dos maiores perigos de infecção e de contágio, as populações civis sujeitas ao mais ínfimo padrão de higiene, nos territórios dominados pelos nazistas, constituem, igualmente, uma constante ameaça de epidemias. Mais uma razão para que as autoridades sanitárias que acompanham os exércitos aliados não descansem na sua constante vigilância.

Durante uma das fases da preparação do pó "DDT", cuja produção está sendo feita em grande escala, para ser usada durante a guerra



Usando o pó imunizador, os soldados americanos se põem a salvo do mal que tantas vítimas causou durante a última guerra na Europa

Uma família italiana que, por precaução, trouxe seus colchões para serem submetidos aos efeitos imunizadores do valioso pó inseticida



O pó DDT é aplicado não somente no corpo como na roupa e nas peças do armamento dos soldados, afim de evitar qualquer contaminação





UMA MODELAR COMUNIDADE DE GUERRA

A simplicidade e o encanto da Nova Inglaterra permanecem imutáveis nas ruas da pequena cidade de Meriden, apesar da sua grande atividade bélica

UM EXEMPLO CARACTERÍSTICO DO ESFÔRÇO PARA A VITÓRIA, NOS EE.UU.

Há quatro anos, a cidade de Meriden, no Estado de Connecticut, não era mais que uma pacata comunidade industrial de quarenta mil habitantes, preocupada essencialmente na fabricação de prataria, de acessórios de iluminação elétrica, de material para telefones e de rolamentos esféricos. Hoje, Meriden é um centro inteiramente consagrado à produção de guerra, de atividade tão notável que já mereceu a designação oficial de "comunidade ideal". Suas fábricas de prataria estão fabricando delicados instrumentos cirúrgicos e munição para as forças armadas; as fábricas de acessórios de iluminação elétrica produzem agora material elétrico exclusivamente para fins militares; e as fábricas de telefones e de rolamentos esféricos trabalham unicamente para as forças armadas. A maioria das indústrias se expandiu consideravelmente, para poder atender aos numerosos pedidos, e quase todas as fábricas estão trabalhando dia e noite.

O que essa cidade tem alcançado sob o ponto de vista do esforço de guerra é característica da grande transformação ocorrida em inúmeras cidades dos Estados Unidos, grandes e pequenas. É o resultado de um espírito de cooperação e de uma organização industrial cultivadas durante

o tempo de paz, e que está contribuindo, durante a guerra, para tornar a nação ainda mais forte e produtiva. Em Meriden, atualmente, todos os seus cidadãos válidos, de ambos os sexos, dividem suas atividades de acordo com as necessidades militares: ou estão no serviço das armas ou trabalham na produção bélica. A cidade, este ano, contribuiu com 20.000 dólares a mais do que lhe foi solicitado para as obras de caridade local. Excedeu a quota de donativos que lhe competia para a Cruz Vermelha, e subscreveu 160.000 dólares a mais da sua quota do quarto empréstimo de guerra — um excesso de dez por cento. O "banco de sangue", destinado à preparação do plasma para os combatentes, tem encontrado nos cidadãos de Meriden uma das fontes mais constantes de abastecimento.

A coleta de tudo quanto é material servido, seja metal, papel ou gorduras, de utilidade na produção bélica, está perfeitamente organizada na cidade, achando-se a cargo de grupos de cidadãos que se revezam, num serviço ininterrupto. O mesmo acontece quanto à distribuição de panfletos contendo informações de guerra. Há no serviço militar 4.358 cidadãos de Meriden, homens e mulheres. Cada um deles recebe, mensalmente, uma carta informativa, organizada pelo escritório local da Associação Cristã de



Papel também é arma de guerra. Escoteiros e empregados de escritórios se esforçam na coleta de jornais velhos e de caixas de papelão, que os moradores da cidade depositam regularmente às portas de suas respectivas casas, em dias designados

Moços, pondo-os ao par de todas as atividades de guerra da sua terra natal. A cidade há muito tempo que tem se distinguido pelo espírito de economia dos seus habitantes. Mais de oitenta por cento moram em casas próprias. O aumento de salários e de ordenados, por causa do trabalho de guerra, não tem animado despesas puramente suntuárias. Os bancos locais registam maiores economias, liquidações mais frequentes de velhas dívidas, sobretudo hipotecas, e grande aquisição de bonus de guerra. A vida da pequena e ativa cidade, ora em tanta evidência, desde longa data que tem se baseado em quatro fatores principais: a família, a igreja, a escola e as organizações sociais.

Meriden fica situada na região da Nova Inglaterra, a uns 160 quilômetros da cidade de Nova York, tendo sido fundada no século dezessete, por colonizadores ingleses. Em tempo de paz, sua indústria principal tem sido a de prataria, em suas várias aplicações. Na segunda metade do século passado, a mão de obra quase sempre escassa nessa indústria especializada, atraiu um considerável influxo de hábeis artífices ingleses e alemães. Esses foram, por assim dizer, os primeiros elementos estrangeiros que entraram na cidade, depois da sua consolidação. Em seguida, vieram outros imigrantes, irlandeses, poloneses, italianos, franceses, russos e gregos.

Uma vez em Meriden, esses elementos não se conservaram isolados. Amalgamaram-se, adotando a nova pátria, as suas tradições e o idioma inglês. Hoje, os decedentes desses imigrantes que se entrelaçaram, formam oitenta por cento da população da cidade, leais unicamente aos Estados Unidos. A fé religiosa dos seus habitantes é cultivada em 32

(Continúa)



Numerosos centros infantis da cidade se encarregam de atender às crianças cujas mães trabalham nas fábricas de armamentos. Sob os cuidados de prestimosas voluntárias nesse serviço, as crianças passam o dia cercadas de todos os carinhos



Meninos e meninas durante as preces, na igreja católica de Santa Rosa, no dia da invasão da Europa. Mais tarde, reuniram-se a seus pais, nas orações em casa, e ao Presidente Roosevelt, na prece que o Chefe da Nação ofereceu pelo rádio

Enquanto que grande número de homens de Meriden se acham nas frentes de batalha, as mulheres trabalham assiduamente na indústria bélica da cidade





Um experiente artífice, cego, acompanhado de seu fiel guia, segue todos os dias para o trabalho, numa das fábricas de Meriden



Numerosos veteranos da guerra, incapacitados para o serviço militar, voltam a trabalhar nas fábricas de armamentos da cidade



Muitas donas de casas se apresentam voluntariamente para trabalhar nos hospitais locais

igrejas, das quais sete são católicas romanas, uma é católica grega, 23 são protestantes e uma é israelita. Todas as congregações religiosas têm tradicionalmente cooperado a bem dos interesses da comunidade e, agora, com a guerra, põem à disposição dos militares e dos operários da indústria bélica todos os seus recursos educacionais e recreativos, para o bem geral.

A cidade está bastante adiantada em matéria de educação e ensino. Mantém uma escola normal, duas escolas secundárias, oito escolas elementares e um Instituto de Artes e Ofícios. Há ainda oito escolas primárias católicas e uma luterana. O programa da escola normal consta de cursos gerais preparatórios para os estudos superiores e de um especialmente para o comércio. As necessidades da guerra vieram desenvolver os vários cursos práticos industriais, de aplicação imediata para numerosos candidatos, tanto da cidade como de outras localidades vizinhas, entregues ao trabalho industrial.

O zelo pela saúde

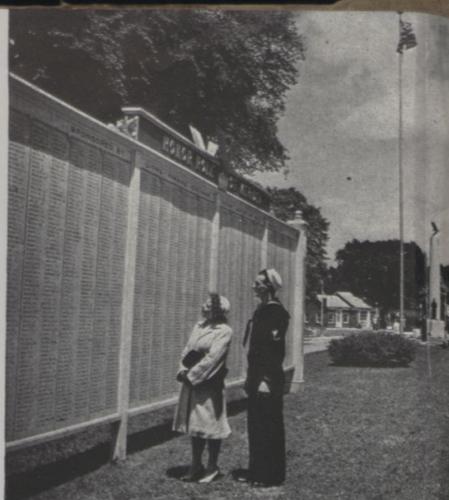
Meriden também se esmera nas suas condições sanitárias. Dispõem de um amplo e moderno hospital, no qual foram feitos, recentemente, melhoramentos avaliados em 500.000 dólares, tem um sanatório para tuberculosos e vários centros de assistência médica e social. A infância tem merecido constante cuidado, através da organização de crèches, atualmente prestando grandes serviços às mães que trabalham nas fábricas de material bélico. Enfermeiras visitadoras estão sempre ativas atendendo às necessidades locais.

Quando se agravou a carência de mão de obra, por causa do trabalho contínuo nas fábricas da cidade, a vinda de operários de fóra criou o problema premente das habitações. As autoridades locais, entretanto, tomaram providências imediatas para acomodar os recém-chegados, muitos dos quais vinham acompanhados de suas famílias. As organizações cívicas, religiosas e sociais também tomaram parte na tarefa de instalar os novos elementos que vinham dar maior impulso ao esforço de guerra da comunidade.

Esse foi mais um exemplo do senso prático da população da pequena, mas importante cidade americana, cuja história tem sido uma contínua demonstração de operosidade e progresso. Meriden encara confiante os dias da paz que há-de vir, para se restaurar no sossego e na tranquilidade do seu trabalho normal, recordando, orgulhosamente, como seu padrão de glória, ter sido um dos centros onde não se mediram esforços para proporcionar à nação tudo quanto era necessário para a vitória.

Numa de suas praças, Meriden também se orgulha do seu "Rôl de Honra" — o painel onde estão registrados os nomes de todos os seus filhos, homens e mulheres, atualmente servindo nas forças armadas da nação, em operações de guerra.

As fotografias publicadas neste número são da seguinte procedência: capas, CSEA, Acme, Acme, EA (de Int.), Páginas interiores: 1, Acme; 2, CAI; PA; 3, PA; 4, CAI; 5, PA, Acme; 6, PA; 7, Acme, Harris & Ewing; 8, Int.; 9, Int., Acme, PA; 10, CAI; 11, CAI, EA, CSE; 12, Acme, Harris & Ewing; 13, Int., Acme; 14, 15, Acme; 16, 17, 18, PA; 19, Int., Acme; 20, GCEU; 21, Int.; 22, Int.; Acme; 23, Harris & Ewing, Acme, PA; 24, PA; 25, Harris & Ewing, Acme, PA; 26, PA, Acme, Int.; 27, PA, Int.; 28, CAI; 29, Westinghouse, MA, CIA; 30, Harold M. Lambert (de Fredaric Lewis), Marjorie Ashworth; 31, EA; 32, Harold M. Lambert (de Fredaric Lewis), Irving Hoberman (PM), By-Line Features (de Int.), Charles Phelps Cushing; 33, Browning (de Three Lions), Harris & Ewing; 34, By-Line Features (de Int.), Harris & Ewing, James Sawyers (de Cushing); 35, Acme, Knell (DAEU); 37, Knell (DAEU), Acme; 38, Carroll Van Ark; 39, Carroll Van Ark, International Silver Co.; 40, Carroll Van Ark, New Departure Div., General Motors, International Silver Co. Abreviaturas: CSEA, Corpo de Sinais do Exército Americano, EA, Exército Americano, CAI, Coordenador de Assuntos Interamericanos, Int., International, GCEU, Guarda da Costa dos E.U.U., MA, Marinha Americana, DAEU, Departamento de Agricultura dos E.U.U.



Dignificando a participação dos seus cidadãos nas operações de guerra, a cidade erigiu um expressivo quadro contendo os nomes dos seus servidores da pátria



O Comissário McNutt (à esquerda), da Mobilização, com o Senador Maloney e o prefeito, Danaher, festejam a escolha da cidade como a "comunidade ideal"



Um operário que, antes, trabalhava numa fábrica de talheres, está agora fabricando armas e munições

O couraçado brasileiro "São Paulo", no pôrto do Rio de Janeiro. Armado de canhões de 12 polegadas, essa poderosa unidade de guerra faz parte do patrulhamento da costa e dos portos do Brasil

